

# Teólogo da Libertação diz o que foi o Concílio Vaticano II

## 1- Introdução

Um amigo pediu-me que estudasse com ele o que Padre João Batista Libânio disse do Concílio Vaticano II, numa conferência intitulada **Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento**, publicada no site da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Apresento, então, aos leitores do site Montfort, as considerações a que cheguei, e julguei convenientes e oportunas comunicar a esse amigo.

## 2 – As duas leituras do Concílio Vaticano II

Como de outro livro que analisei de Padre Libânio, devo salientar que o texto desse sacerdote revela inteligência e estudo. Disseram-me que padre Libânio é parente de Frei Betto. Pois não parece de modo algum, tal a disparidade entre eles. Se eles são primos entre si, então deve ser como os números 23 e 17, que nada têm a ver um com o outro. Não há denominador comum inteligente entre os dois...

Antes de tudo, é preciso destacar que Padre João Batista Libânio concorda com Bento XVI de que houve duas interpretações fundamentais do Concílio Vaticano II: uma a do "**espírito do Vaticano II**" que desejava uma ruptura com a doutrina anterior; outra a da "*letra do Vaticano II*", ou da "*continuidade*" com a doutrina de sempre.

Padre Libânio se confessa um seguidor do chamado "*espírito do Concílio*", que o Papa Bento XVI condenou na sua famosa e importantíssima conferência de Regensburg (Ratisbona), pois diz :

*"Houve duas ondas interpretativas [do Vaticano II]. A primeira, que se levantou logo depois do Concílio, sensível e desejosa de mudanças, leu os textos sob o prisma da novidade, da ruptura, como fizemos preferencialmente nesta conferência"*. (J.B.Libânio, **Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento**, UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS . UNISINOS, no texto abaixo citado, p.30).

Assume Padre Libânio que lê o Concílio Vaticano II segundo a "*hermenêutica da ruptura*" com relação à doutrina de sempre da Igreja.

Essas duas leituras ou hermenêuticas mencionadas do Vaticano II tiveram raiz no fato de que Paulo VI querendo votações maciças a favor dos documentos conciliares, ficou necessário escrever textos ambíguos, susceptíveis de dupla interpretação, a fim de captar os votos dos Bispos conservadores, que manifestavam susto ou resistência ao que era proposto no Concílio:

*“Paulo VI optara para que os textos conciliares só fossem aprovados com larga maioria. Não queria, de modo nenhum, dar a entender que havia facções antagônicas e que os documentos significavam a vitória de uma sobre a outra. Deviam manifestar para a Igreja e para o mundo que nasciam de uma comunhão de corações e mentes. Essa opção está na base dos compromissos lingüísticos e permitiu que, depois do Concílio, houvesse interpretações diferenciadas, apoiadas na literalidade do texto”.* (J.B. Libânio, conferência citada, p.30).

*“Concílio de consenso e compromissos, entre uma maioria que se construiu lentamente em defesa da abertura à modernidade e que estruturou, praticamente, os documentos e de uma minoria cada vez mais resistente que marcou, o máximo que pôde, o texto com pegadas pré-modernas”*(J.B. Libânio, conferência citada, p.30).

Conforme o teólogo modernista Eduardo Schillebeecks, o Concílio Vaticano II teria adotado uma linguagem propositadamente 'diplomática' -- isto é, ambígua -- a fim de conseguir o maior número de votos a favor das decisões conciliares. Entretanto, disse Schillebeecks, que, depois do Concílio, os modernistas saberiam tirar as conseqüências dos princípios enunciados 'diplomaticamente', isto é, ambigualmente.

Foi isto que causou a profunda divisão entre os próprios defensores do Concílio Vaticano II. Logo surgiram os defensores da *“letra do Vaticano II”*, e os defensores do *“espírito do Vaticano II”*.

Eis as palavras de Schillebeecks: à revista holandesa **'De Bazuin'** no. 16, 1965, tais como foram reproduzidas por Romano Amerio:

*'Nós o exprimimos uma maneira diplomática, mas depois do Concílio, nós tiraremos as conclusões implícitas'* [Nous l'exprimons d'une façon diplomatique, mais, après le Concile nous tirerons les conclusions implicites] apud Romano Amerio, **Iota Unum**, pag.93. Riccardo Ricciardi Editore. Milano - Napoli).

Também René Laurentin destacou essa ambigüidade fundamental dos textos do Concílio Vaticano II:

*“Elucidar o papel do sucessor de Pedro na ordem da certeza e da verdade, eis um problema ‘pastoral’... [nota: Não é aqui o lugar para discutir a palavra ‘pastoral’ que foi o título-programa de nossa contribuição: ‘Reflexão pastoral’. Mantemo-nos distantes com relação às ambigüidades desta palavra. Ela foi, no Concílio, uma espécie de cavalo de Tróia. Os líderes das duas tendências, majoritária e minoritária, fizeram de conta que a pastoral era um domínio adequadamente distinto da doutrina. Assim, os primeiros fizeram passar, sob a cobertura desta palavra inocente, toda uma renovação teológica, infelizmente muito mal ajustada a um sistema doutrinal que em aparência permanecia intacto. Estamos longe, ainda hoje, de sair desta ambigüidade inerente aos textos do Vaticano II. Toda teologia é pastoral; e toda pastoral autêntica é teológica]”.* (Fonte: R. Laurentin, **O Fundamento de Pedro na Incerteza Atual**, in **Concilium** – Revista Internacional de Teologia, n. 83, 1973/3: Dogma, p. 354).

Portanto, o caráter “pastoral” do Vaticano II foi o cavalo de Tróia que, pela brecha da ambigüidade, permitiu a penetração de doutrinas erradas na cidadela da Igreja.

E voltaremos a esse tema no final deste artigo, para perguntar se um Concílio “pastoral”, -- que usa propositalmente a ambigüidade para introduzir doutrinas falsas na Igreja, pode ser tido como Magisterial.

Por tudo isso, é que Padre Libânio diz:

*“O Concílio é mais que seus documentos. Ele é uma “intencionalidade”. Esta é, antes de tudo, uma intuição, uma percepção global, uma evidência co-natural, um espírito. Funciona como coluna vertebral dos textos.*

*Oferece a chave hermenêutica mais importante. Contudo, está em tensão com o texto. De um lado, ela manifesta-se nos textos, emerge deles, justifica-se e explicita-se neles. De outro, não se esgota neles nem consegue moldá-los todos à sua imagem e semelhança, já que os escritores não são um Deus criador. Por isso, encontram-se textos que a negam e justificam uma outra posição hermenêutica. Nesse caso, trava-se a batalha sobre a intencionalidade fundamental. É exatamente isso que estamos vivendo no momento atual.*

*A intencionalidade, que se impusera na hermenêutica da maioria, nos anos imediatos ao pós-concílio, vem sendo considerada, atualmente, por largos setores eclesiais, como uma falsa leitura do Concílio. E voltando aos textos, encontram outra intencionalidade. E apresentam-na como a autêntica leitura conciliar”.* (J.B. Libânio, conferência citada, p.23).

E ainda:

*“Destarte, permanece para a atual Igreja a tarefa de prosseguir o movimento, iniciado no Concílio, de diálogo aberto e crítico com a modernidade, transformando um espírito em história, uma intencionalidade em práxis, desejos e opções na verdade dos fatos. Aí joga o futuro do Concílio. Em termos teológicos, o Concílio é um fato passado.*

*A sua recepção decide sobre sua validade e força histórica.*

*Em outros termos, o Concílio como evento terminou.*

*Como espírito prossegue.*

*O Vaticano II é, sobretudo, um Concílio que se distingue muito mais pelo novo espírito, que pelas novas explicitações da doutrina cristã”*(J.B. Libânio, conferência citada . pp.31-32).

### 3 - A reviravolta teológica do Vaticano II

Padre Libânio, faz uma síntese histórica da preparação do Vaticano II e de seu desenvolvimento, sob a ótica de um seguidor do “*espírito do Concílio*”.

Ele não oculta as origens modernistas do Vaticano II e sua filiação ao movimento néo modernista denominado Nova Teologia, sem lembrar, porém, que a Nova Teologia do Padre Henri de Lubac, do Pe. Daniélou e do Pe. Urs von Balthasar—foi condenada pela encíclica **Humani Generis**.

Ele mostra que o Vaticano II teve um posicionamento diferente daquele que a Igreja adotara até então.

Antes do Vaticano II, diz Padre Libânio, a Igreja adotava um posicionamento focado na Verdade, preocupando-se com as definições dogmáticas.

E Padre Libânio, por infelicidade dele, cita o modernista dominicano Frei Claude Geffré que acaba de ser censurado pela Congregação da Doutrina da Fé.

Que azar de Padre Libânio!

Diz Padre Libânio que antes do Vaticano II, “*A teologia nutria a obsessão das definições essenciais para exprimir a substância mesma das coisas, das verdades, da fé, do dogma. Cf. Geffré cognominou-a de teologia dogmatista.*

*Era a teologia dominante. Preocupava-se com perguntas internas à própria teologia em busca de clareza conceitual e não se deixava questionar pelos problemas vindos das ciências nem das experiências existenciais das pessoas nem da práxis. Permanecia longe do pensamento histórico com temor de este relativizá-la. A perspectiva dogmatista pergunta: Qual é a essência da verdade, da realidade? Em latim, se diz: Quid est? Que é? Criou-se a palavra latina quidditas, de pouca elegância, precisamente para traduzir a resposta da pergunta. É a quiddidade” (J.B. Libânio, conferência citada . p.4).*

Assim ele descreve a mentalidade anterior ao Concílio Vaticano II:

*“Subjazia a essa teologia uma posição dualista da realidade humana. Dois mundos se opunham radicalmente: natureza e graça ou se quisermos mais exatamente, natural e sobrenatural. A essência do mundo sobrenatural é a graça. A essência do mundo natural é a natureza.*

*O mundo sobrenatural é o mundo da salvação. O mundo natural, se não é o da condenação, pelo menos, torna-se alheio à salvação. Predominava uma compreensão extrinsecista da graça, como realidade externa à natureza e que lhe vinha modificar as possibilidades e atividades.*

*Tudo o que era humano sem uma explícita intenção sobrenatural era desvalorizado em vista da vida eterna.*

*Esta teologia condicionava a autocompreensão e o agir da Igreja. Ela fazia parte do mundo da salvação e fora dela não havia salvação..*

*Este era o contexto eclesial principal que prevalecia na Igreja. Uma Igreja marcada pela visibilidade de suas características essenciais, por uma teologia dogmatista, zelando pela ortodoxia, por uma prática litúrgica bastante ritualista, por uma disciplina eclesial estrita, e por uma teologia dualista. As definições do Primado e da Infalibilidade do Magistério Pontifício do Concílio Vaticano I fizeram concentrar a compreensão de Igreja na pessoa do Papa". (J.B. Libânio, conferência citada . pp. 4-5).*

Em contraposição, *"No entanto, o Concílio Vaticano II assumiu enfrentar tal problema e reinterpretar verdades de fé no novo horizonte das ciências modernas"*.(J.B. Libânio, conferência citada . p. 6).

Enquanto os Concílios da Igreja foram sempre magisteriais,-- foram concílios dogmáticos por definirem dogmas e condenarem erros, o Vaticano II foi --e quis ser -- um Concílio interpretativo, não dogmático, mas apenas pastoral:

O Vaticano II pretendeu interpretar a doutrina de sempre e não definir dogmas, nem ensinar infalivelmente, nem condenar ninguém. Nem mesmo o Comunismo, um dos piores erros da História.

Escreveu Padre Libânio:

*"Trata[va]-se de interpretar a revelação tradicional (Escritura e Tradição), dialogando com a modernidade.*

*Nisso consiste o desafio pastoral de interpretar, e não de condenar. Buscava-se a renovação da Igreja indo ao essencial da mensagem cristã. Só assim ela cumpre a missão de sinal da salvação visível e perceptível para o mundo de hoje*<sup>16</sup>.

*Diferentemente dos concílios anteriores, o Vaticano II não pretendeu tomar posições dogmáticas definitórias nem condenatórias, mas intensificar o diálogo com o homem e a mulher de hoje, lançando ponte para o mundo contemporâneo em nítido contraste com as posições conservadoras de Gregório XVI (1831-1846) e de Pio IX que conflitavam fortemente com a modernidade"*(J.B. Libânio, conferência citada . p. 19).

Portanto, Padre Libânio admite que o Vaticano II não foi dogmático e que ensinou uma doutrina nitidamente contrária àquela que a Igreja sempre ensinara.

Também a **Lumen Gentium** lembra que o Magistério Ordinário é infalível quando expressa verdades definitivamente:

*“Embora os Bispos individualmente não gozem da prerrogativa da infalibilidade, contudo, mesmo quando dispersos pelo mundo, guardando, porém, a comunhão entre si e com o sucessor de Pedro, e quando ensinam autenticamente sobre assuntos de Fé e de Moral, concordando numa sentença que deve ser professada de modo **definitivo**, então enunciam infalivelmente a doutrina de Cristo” (Concílio Vaticano II, **Lumen Gentium**, n° 25).*

**Definitivo é aquilo que define, e define para sempre**

Monsenhor Walter Brandmüller escreveu que o Vaticano II não promulgou e nem deliberou nada de modo **definitivo**. Portanto, o Vaticano II não exerceu o Magistério Ordinário de modo infalível:

*“O Vaticano II, por sua vez, não julgou, não promulgou leis e nem mesmo deliberou de modo **definitivo sobre questões de fé**. Antes, o Vaticano II realizou um novo tipo de Concílio: um Concílio “pastoral”, que pretendeu aproximar o Evangelho do mundo de hoje.*

*Em particular, não proclamou condenações doutrinárias, como salientou João XXIII no discurso de abertura: “A Igreja sempre se opôs às heresias. Muitas vezes as condenou com a máxima firmeza”, enquanto que hoje “a Igreja prefere fazer uso do remédio da graça”, porque crê que esta corresponda às exigências da época atual, preferindo mais demonstrar a validade das suas doutrinas que estabelecer condenações”. Mas, à luz dos desenvolvimentos históricos, o Vaticano II ter-se-ia revelado providente se, nas pegadas de Pio XII, tivesse tido a coragem de condenar expressamente o comunismo.*

*Pelo contrário, o temor de pronunciar condenações doutrinárias e definições dogmáticas foi tal que afinal os textos conciliares se tornaram diversos entre si. Assim, por exemplo, a constituição dogmática “Lumen Gentium”, sobre a Igreja e a “**Dei Verbum**” sobre a revelação divina têm o caráter e a natureza de documentos doutrinários, mas sem definições vinculantes, enquanto que, segundo o canonista Klaus Mörsdorf, a declaração “Dignitatis Humanae”, sobre a liberdade religiosa, “toma posições sem um conteúdo normativo evidente”. Os textos do Vaticano II possuem, portanto, um grau muito diverso de obrigatoriedade, e também este é um elemento novo na história dos Concílios”. (Mons. Walter Brandmüller, **O Vaticano II na história dos Concílios**, artigo in “**Avvenire**” de 29 de novembro de 2006. Os destaques são nossos).*

O Vaticano II tinha uma mentalidade oposta à dos demais Concílios anteriores, porque se baseava numa nova Teologia, portanto numa doutrina nova diferente daquela adotada pela igreja de sempre:

*“Confrontaram-se duas teologias básicas. De um lado, a teologia dogmatista, como descrevemos acima, na afirmação clara das verdades abstratas, universais, imutáveis e, de outro, **a teologia hermenêutica que pretende interpretar para o mundo de hoje a revelação de Deus**. Esse choque se deu especialmente a propósito da discussão sobre as Fontes da Revelação e, de modo especial, sobre a Escritura. Deslocou-se de uma interpretação .especular, a modo de espelho, da Escritura, da Tradição, dos dogmas, da verdade, em geral, para uma interpretação histórico existencial” (J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21. Os destaques são nossos).*

Não há como negar: Padre Libânio confessa que o Vaticano II teve uma mentalidade e uma Teologia hermenêutica—interpretativa -- diferente daquela que a Igreja sempre adotara.

Portanto, segundo Padre Libânio, --e nisto concordamos com o que ele confessou, o Vaticano II rompeu com os dogmas anteriores da Igreja tais como sempre foram formulados:

*“A história marcou o contexto cultural do Concílio. Rompeu com a concepção estática das formulações das verdades dogmáticas e morais”.* (J.B. Libânio, Conferência citada. p. 7).

O Concílio Vaticano II reinterpretou as verdades da Fé, e, exatamente por isso, errou. As verdades da Fé não podem ser interpretadas. O que Deus nos revelou, é verdade eternamente. Reinterpretando as verdades de fé, o Vaticano II abriu o caminho para o evolucionismo doutrinário, portanto, para o relativismo:

*“No entanto, o Concílio Vaticano II assumiu enfrentar tal problema e reinterpretar verdades de fé no novo horizonte das ciências modernas”* (J.B. Libânio, Conferência citada. p. 6).

*“Nele [No Vaticano II] se deu o embate de dois mundos ideológicos, de duas visões de realidade, de duas sensibilidades. Na linguagem mais em uso hoje, estavam em jogo dois paradigmas”*(J.B. Libânio, Conferência citada, p.17).

O Vaticano II adotou uma visão da realidade diferente daquela que a Igreja sempre adotou. E, por isso mesmo, o Vaticano II rompeu com a doutrina de sempre da Igreja Católica. Confessa Padre Libânio que o Vaticano II rompeu com a doutrina perene da Igreja.

#### **4 - Causas da Revolução doutrinária realizada pelo Concílio Vaticano II, segundo Padre Libânio**

##### **a) Primeira causa do Vaticano II: a adesão à Modernidade condenada pelo Syllabus**

Padre Libânio admite que o Vaticano II se constituiu por uma adesão ao que se chama de “**modernidade**”.



*“A modernidade, que se exprimira nos seus inícios pela Reforma no campo religioso e pela mudança de imagem de mundo no referente ao espaço sociocultural, significava, ao mesmo tempo, um dado religioso e um fato sociocultural. Sob esses dois aspectos constituiu o contexto principal envolvente do Concílio [Vaticano II], causando enorme impacto sobre ele”* (J.B. Libânio, Conferência citada, p.10).

Ora Pio IX, no **Syllabus**, condenou como erro a seguinte tese:

*“O Pontífice Romano pode e deve reconciliar-se e transigir com o progresso, com o liberalismo e com a Civilização Moderna”*(Pio IX, **Syllabus**, erro 80, Denzinger 1780)

Padre Libânio cita, em nota ao pé de página, de modo atenuado e em versão “moderna” o que definiu Pio IX no Syllabus, transformando a palavra “**modernidade**” em “*recente civilização*”.

Eis a citação “adaptada” de Padre Libânio, tirada de outra edição do Denzinger já mais de acordo com a modernidade do Vaticano II...:

*“Nota 17 Entre as sentenças condenadas do Syllabus de Pio IX consta essa afirmação: “O Pontífice Romano pode e deve reconciliar-se e transigir com o progresso, com o liberalismo e com a recente civilização”: (DS 2980. apud J.B. Libânio, Conferência citada, p.23).*

Essa troca de “*civilização moderna*” por “*recente civilização*” é apenas para mascarar—e muito mal mascarando -- a contradição entre o **Syllabus** e o Vaticano II.

E por que essa condenação da civilização moderna pelo **Syllabus**?

*“O modelo tridentino se construiu em permanente embate com a Reforma e com a modernidade. Sustentava-se, alimentado pelo espírito apologético, de defesa e refutação das posições adversárias e de conquista de novos adeptos pela via da evangelização conquistadora. Da católica Europa e, mais tarde, dos EUA, saíram, para o mundo inteiro, ardorosos missionários a fim de plantar a Igreja. nos outros continentes, convertendo os infiéis, fortalecendo as igrejas locais em nítida concorrência com os evangélicos.*

*Modernidade significa tolerância, diálogo, respeito à pluralidade de opiniões, liberdade de expressão”*(J.B.



Libânio, Conferência citada, p.15).

Tolerância, diálogo, respeito à pluralidade de opiniões, liberdade de expressão são princípios decorrentes do relativismo, e que negam a existência da Verdade objetiva e imutável, que a Igreja recebeu de Cristo, e que Ela tem a obrigação de ensinar, condenado os erros opostos à verdade revelada.

O Concílio Vaticano II vai adotar o relativismo da Modernidade pregado pela Maçonaria e pelo liberalismo subjetivista do Idealismo e da Revolução Francesa, pregado pelo iluminismo maçônico.

Por isso, o Papa João Paulo II, grande propugnador do ecumenismo do Vaticano II, e principal redator da **Gaudium et Spes**, dirá sem reboços, em seu último livro:

**"Nos documentos do Concílio Vaticano II pode-se encontrar uma sugestiva síntese da relação entre o cristianismo e o iluminismo"**. (João Paulo II, **Memória e Identidade**, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2.005, p. 126)

É por isso que a Civilização moderna é naturalista e antropocêntrica. E o Vaticano II foi antropocêntrico e, por isso mesmo, foi naturalista.

Que foi antropocêntrico, foi confessado pelo Próprio Paulo VI no próprio discurso de encerramento do Concílio Vaticano II:

*"A Igreja do Concílio [Vaticano II] ocupou-se bastante do homem, do homem tal qual ele se apresenta em nossa época, o homem vivo, o homem todo ocupado consigo mesmo, o homem que se faz não só o centro de tudo o que o interessa, mas que ousa ser o princípio e a razão última de toda a realidade... O humanismo laico e profano apareceu, enfim, em sua terrível estatura e, em certo sentido, desafiou o Concílio. A religião de Deus que se fez homem encontrou-se com a religião do homem que se fez Deus.*

*Que aconteceu? Um choque, uma luta, um anátema? Isto poderia acontecer; mas isto não aconteceu.*

*A antiga história do Samaritano foi o modelo da espiritualidade do Concílio. Uma simpatia imensa o investiu inteiramente. A descoberta das necessidades humanas... absorveu a atenção deste Sínodo. Reconheci-lhe pelo menos este mérito, ó vós humanistas modernos, que renunciáveis à transcendência das coisas supremas, e saibais reconhecer o nosso novo humanismo: nós também, Nós mais do que qualquer outro, nós temos o culto do homem"* (Paulo VI, **Discurso de Encerramento do Vaticano II**, em 7 de Dezembro de 3 2007).

E também a Missa nascida do Vaticano II —a Missa Nova de Paulo VI e de Monsenhor Bugnini— ela também foi antropocêntrica.

E sendo o Vaticano II antropocêntrico, visando o culto do Homem, esse Concílio só podia ser naturalista, confundindo, conforme a Teologia modernista expressa por De Lubac, o natural e o sobrenatural. Vimos, acima como Padre Libânio descreveu a Teologia anterior ao Vaticano II como sobrenaturalista e dogmática, enquanto a do Vaticano II era naturalista, confundindo natural e sobre natural.

A modernidade além de antropocêntrica e naturalista era também gnóstica, afirmando existir no homem uma centelha ou semente divina. Por isso, diz uma especialista no Humanismo hermético que a Modernidade provém da magia e da Gnose:

*“Foi a magia, com o auxílio da gnose, que começou a imprimir à vontade uma nova direção”* [Para o Mundo Moderno] ( Francês A. Yates, **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**, Ed. Cultrix, São Paulo, 1995, p.180).

A Gnose hermética afirmava que havia no homem uma semente divina. Ora a Constituição dogmática **Gaudium et Spes** do Vaticano II afirma:

*“Por isso, proclamando a vocação altíssima do homem e **afirmando existir nele uma semente divina**, o Sacrossanto Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o restabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a essa vocação”* (Vaticano II, **Gaudium et Spes**, n° 3).

Repare-se que a **Gaudium et Spes** afirma que a tal “**semente divina**” existe em todo homem. Daí a tese da salvação universal que se espalhou após o Vaticano II: “todo homem, só por ser homem, já estaria salvo. Esse seria o muito misterioso “*mistério do homem*” que Jesus Cristo teria vindo revelar ao homem.

Isso é Gnose.

Daí, o Vaticano II oferecer ao “*gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o restabelecimento de uma fraternidade universal*”.

Quem seria esse também misterioso representante do “*Gênero Humano*” a não ser a Maçonaria que diz trabalhar para a Fraternidade Universal?

Viriam daí as famigeradas Campanhas da “*Fraternidade*” da CNBB....

**b) Segunda causa do Vaticano II: o subjetivismo relativista.**

*“Um segundo encontro se deu com a emergência da subjetividade. Em termos simples, significou a tomada de consciência por parte do sujeito moderno de sua liberdade, autenticidade, autonomia em contraste com a situação anterior de dependência das forças da natureza, das tradições familiares, religiosas e culturais. Já não as acatava por si mesmas, mas as fazia passar pelo crivo de sua própria experiência, da maneira de ver as coisas. O **existencialismo** que freqüentava as academias tornou-se um modo comum de as pessoas pensarem e viverem. Assim, verdades e valores, que ontem se impunham pela força da autoridade e das tradições, eram questionados pelas pessoas com base na própria, no gosto e no prazer”*.(J.B. Libânio, Conferência citada, p.12. Destaque nosso).

Do subjetivismo nasceu o relativismo. Daí, a Filosofia existencialista triunfo final do subjetivismo, pois negava as essências, e, portanto, negava que pudessem existir verdades perenes. Cada pessoa teria a sua verdade.

O conhecer humano determinaria o ser O sujeito determinaria o objeto.

Conforme Merleau Ponty o eu seria a fonte absoluta do ser e da verdade existencial pessoal. O homem se definiria como Liberdade. Daí, terem que ser admitidas todas as liberdades. E o Vaticano II, através da “teologia “ existencialista de Karl Rahner, a alma negra do Concílio, admitiu as formulações existencialistas das quais decorreu a admissão da liberdade de religião e de consciência do Vaticano II

Ademais, o evolucionismo doutrinário era o cerne da teologia modernista, e por isso os modernistas exigiram a evolução dos dogmas, tese que foi condenada por São Pio X, na **Pascendi**.

### c) Terceira causa do Vaticano II: a heresia modernista.

*“As primeiras tentativas de aproximação com o pensamento moderno se deram por meio da renovação teológica da Escola de Tubinga, no século XIX. Em seguida, no início do século XX, um surto teológico, condenado sob o nome de “modernismo”, assumiu ainda mais fortemente o roteiro ideológico da modernidade”* (J.B. Libânio, Conferência citada, na p.17 deste trabalho).

A Escola de Tubinga II foi a responsável pela Teologia Liberal Protestante que deu origem à seita dos Modernistas. Bento XVI apontou essa Teologia Liberal e o Método Histórico Crítico dos Modernistas – nos quais o jovem Ratzinger diz que foi formado – como causas do condenado “*espírito do Concílio*” seguidor das doutrinas modernistas condenadas por São Pio X na encíclica **Pascendi** e no Decreto **Lamentabili** .

O Modernismo, como todo bastardo, teve vários “pais”. Na Exegese, com seu método Histórico crítico, o expoente modernista foram o Padre Alfred Loisy e o Padre Lagrange- (Não se o confunda com Padre Garrigou-Lagrange O.P., que foi inimigo dos modernistas)--; na Filosofia, foi Maurice Blondel; na Teologia, foram o Padre Tyrrell e o Padre Laberthonnière; na mística, foi o Barão Von Hugel; na História, foi Monsenhor Luis Duchêsne, na política foram Padres Rômulo Murri, Padre Ernesto Buonaiuti (grande amigo de Angelo Giuseppe Roncalli, o futuro João XXIII); na literatura, Antonio Fogazzarro, para citar alguns dos expoentes da heresia Modernista.

Tão profunda foi a relação do Vaticano II com a heresia Modernista que, Jean Guitton, amigo pessoal de Paulo VI, declarou:

*'Quando leio os documentos concernentes ao Modernismo, tal como ele foi definido por São Pio X, e quando os comparo com os documentos do Concílio Vaticano II, não posso deixar de ficar desconcertado. Porque, o que foi condenado como uma heresia em 1906, foi proclamado como sendo e devendo ser doravante a doutrina e o método da Igreja. Dito de outro modo, os modernistas em 1906 me aparecem como precursores. Meus mestres faziam parte deles [os modernistas]. Meus pais me ensinavam o Modernismo. Como São Pio X pode repelir os que agora me aparecem como precursores?' (Jean Guitton, **Portrait du Père Lagrange**, Éditions Robert Laffont, Paris, 1992, p.55-56).*

#### d) Quarta Causa do Vaticano II: a Nova Teologia censurada por Pio XII na encíclica *Humani Generis*.

O Modernismo, no dizer de São Pio X, foi uma seita que se organizou como sociedade secreta. Depois da condenação das heresias modernistas na **Pascendi**, seus sequazes se ocultaram ainda mais, mas não cessaram de atuar. Seu líder filosófico mais perigoso, -- uma serpente de fumaça --, Maurice Blondel, disfarçou ainda mais seus erros, mas continuou a espalhá-los sussurantemente. Na difusão da heresia, ele foi ajudado por um de seus discípulos, o Padre Auguste Valensin, que se tornou professor do seminário Jesuíta de Fourvière, em Lyon. Foram discípulos dele o Padre Henri De Lubac, Padre Daniélou, e Padre Urs Von Balthasar, -- mais tarde feitos Cardeais. Eles foram o núcleo do que se denominou de **Nova Teologia**. Tal movimento prosseguiu a propaganda modernista de forma ainda mais sutil, confundindo sobrenatural e natural, garça e natureza, defendendo um conceito imanentista da Divindade. Esses erros foram censurados por Pio XII, na encíclica **Humani Generis**.

Esses teólogos da Nova Teologia, embora censurados por Pio XII, foram todos nomeados peritos do Vaticano II e levaram para o Concílio suas doutrinas heréticas.

Deles diz Padre Libânio:

*“O movimento que mais marcou o contexto teológico anterior ao Concílio, chamou-se “Nova Teologia”. A plataforma de ação foi lançada por Jean Daniélou, em memorável artigo na revista jesuíta *Études de Paris*, nos seguintes termos:*

*“A teologia de hoje tem diante de si uma tríplice exigência:*

*Ela deve tratar Deus como Deus, não como objeto, mas como o sujeito por excelência, que se manifesta quando e como ele quer, e, por conseqüência, ser, primeiramente, penetrada do espírito religioso;*

*“Ela deve responder às experiências da alma moderna e levar em conta as dimensões novas que a ciência e a*

*história deram ao espaço e ao tempo, que a literatura e a filosofia deram à alma e à sociedade;* [Princípios estes adotados por João XXIII no seu Discurso inaugural do Vaticano II].

*Ela deve, enfim, ser uma atitude concreta diante da existência, uma resposta que engaja o homem inteiro, à luz interior de uma ação onde a vida se joga totalmente.*

*A teologia não será viva a não ser que responda a estas aspirações*"<sup>4</sup>.( J. Daniélou, **Les orientations présentes de la pensée religieuse**, in **Etudes** 249 (1946), p. 7)..

*"Aí apareceram claramente as exigências da modernidade: a dimensão de sujeito, as experiências do homem moderno, a ciência, a história, a literatura, a filosofia, uma compreensão global da existência, o caráter vital.*

**Repescou do modernismo, condenado por Pio X, o uso dos métodos crítico-históricos na interpretação da Escritura.** Os defensores dessa teologia valorizaram, na concepção de Igreja, as dimensões de mistério, de comunidade, de participação ao arpejo do aspecto acentuadamente jurídico. Olhavam as realidades terrestres de maneira otimista, capaz de perceber nelas a presença e ação de Deus. Batiam-se por uma compreensão integrada e bem articulada das dimensões natural e sobrenatural, seguindo as pegadas deixadas por M. Blondel com a Apologética da Imanência, que já apontava para os "pontos de identidade", .pontos de inserção. da transcendência no dinamismo espiritual do ser humano.

O programa dessa teologia defendia também uma inteligência processual e histórica das verdades de fé em oposição ao fixismo e formalismo da letra. Desposou, com audácia, a concepção evolucionista de Teilhard de Chardin, cujos escritos circulavam de forma provisória, já que só puderam ser publicados depois de sua morte, em 1955. Na emblemática consigna de "volta às fontes", a nova teologia encontrava-se paradoxalmente com os anseios do momento presente, pois esse retorno aos inícios se viabilizava precisamente pelo recurso aos recentes métodos desenvolvidos na modernidade crítico-literária.

*Enfim, as grandes perguntas da modernidade filosófica, advindas da razão autônoma, da subjetividade, da experiência existencial, da história, das ciências, da concepção evolucionista da natureza e da práxis forçavam entrada no âmbito eclesial pelas vias inteligentes do movimento da "Nova Teologia". Mesmo que uma intervenção romana lhe tenha bloqueado o avanço explícito, já estavam aí os germes do que o Concílio assumirá".* (J.B. Libânio, Conferência citada, nas pp.18-19 deste trabalho. Os destaques são nossos).

Portanto, confessa Padre Libânio que o Vaticano II repescará teses já condenadas do Modernismo, e assumirá as teses da Nova Teologia que haviam sido condenadas por Pio XII na **Humani Generis**

e) Quinta causa do Vaticano II: o movimento bíblico.

São Pio X condenara a exegese modernista com seu método histórico crítico difundido pelo heresiarca Padre Alfred Loisy.

A condenação desse herege, entretanto não estancou o mal. Ele prosseguiu através de modernistas

“moderados”, na realidade, mais astutos, que mascararam suas teses heréticas em linguagem dupla e enganadora. A exegese modernista prosseguiu viva, embora camuflada, por exemplo, no Instituto Bíblico de Jerusalém.

Padre Libânio afirma que o movimento bíblico nascido do modernismo, conseguiu enganar até o Papa Pio XII:

*“O rigor dogmático da era piana não se reproduziu no campo bíblico. Pio X tomara duas posições antitéticas.*

*Aprovou medidas restritas nas investigações bíblicas por meio de Declarações da Comissão Bíblica de Roma<sup>3</sup>. No entanto, fundou o Pontifício Instituto Bíblico, em Roma, confiando-o aos jesuítas. E ele se entregou a investigações sérias no campo bíblico, trazendo avanços consideráveis na compreensão da inspiração, da inerrância na Escritura, da redação dos livros bíblicos.*

*Pio XII vai mais longe ao apoiar os trabalhos corajosos de exegetas do Pontifício Instituto Bíblico, sobretudo com a Encíclica **Divino afflante Spiritu**. A ciência moderna entrava por meio da arqueologia bíblica, papirologia, descoberta de novos manuscritos, da lingüística no conhecimento e interpretação da Escritura. Rompeu-se a rigidez da existência de um único sentido literal dos textos bíblicos, que era ensinado autoritariamente pelo magistério. Criou-se maior liberdade para o exegeta ir aproveitando os dados científicos para interpretar os sentidos da Palavra de Deus. Terminava a era do fundamentalismo e literalismo bíblico, apoiado na concepção da Escritura como ditada por Deus ao hagiógrafo. Assumia-se o lado humano do escritor bíblico, sujeito às vicissitudes de toda redação, analisável pelos instrumentos das ciências”* (J.B. Libânio, Conferência citada, nas pp. 20 deste trabalho).

Padre Bea, confessor de Pio XII desde 1931 foi o redator da encíclica **Divino Afflante Spiritu** (cfr. Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—II Papa del Concilio**, Rusconi, Milano, 1989, p.372), que Padre Libânio apresentou, na citação acima, como continuador do movimento bíblico, e ainda mais, reconhece que o Vaticano II repescou os métodos crítico históricos do Modernismo:

*“Repescou do modernismo, condenado por Pio X, o uso dos métodos crítico-históricos na interpretação da Escritura”* (J.B. Libânio, Conferência citada, na p.18 deste trabalho).

f) Sexta causa do Vaticano II: o evolucionismo darwinista na formulação gnóstica do Padre Modernista Teilhard de Chardin.

O evolucionismo metafísico radical do Padre Teilhard de Chardin, que criou um sistema imanentista divinizador do universo, contaminou muitas doutrinas do Vaticano II. O relativismo, o liturgicismo imanentista, as doutrinas salvíficas universais, a idéia de que no homem há uma “semente divina”, defendida na **Gaudium et Spes**, a idéia de um progresso contínuo necessário na História, a abertura ao comunismo, foram algumas das doutrinas do Vaticano II que tiveram raízes nas teorias rocambolescas de Teilhard de Chardin, um dos

falsificadores do Homem de Piltdown e do Homem de Pequim.

g) Sétima causa do Vaticano II: a influência do marxismo na doutrina dos progressistas.

Diz Padre Libânio:

*“Uma quarta onda inundou as praias da Igreja nas imediações do Concílio. Vinha da 2ª Ilustração que levantara suspeita de alienação contra o agir da religião, das igrejas. Fez entrada no pensamento moderno a teoria marxista a partir da categoria da práxis. Instituiu no interior do mundo religioso a crítica ideológica.*

*Ainda não era a entrada da teologia da libertação, que só aconteceria depois do Concílio. Na Europa, porém, antes do Vaticano II, sob a forma de progressismo, se gestava um pensamento crítico a posições ideológicas conservadoras dos cristãos no campo da política. Ele nasceu do contacto com a revolução operária, com um mundo popular rejeitado e sofrido, enquanto a Igreja estava ausente. A consciência do cristão foi tocada por essa realidade de contraste e provocou perguntas teológicas”:* (J.B. Libânio, Conferência citada, p.12).

O Modernismo tomou o nome de progressismo exatamente por sua adesão ao progresso naturalista e evolucionista de raiz marxista e dialética.

Não foi à toa que João XXII, a pretexto de obter a vinda de observadores da Igreja Cismática russa no Vaticano II, fez assinar o acordo de Metz com a URSS. Por esse acordo absurdo com o país que desposava a maior heresia do século XX, Os bolchevistas permitiriam que fosse ao Concílio uma delegação da Igreja Cismática, formada por observadores do Vaticano II. E ela foi chefiada pelo Arcebispo de Leningrado, Nikodin, que, além de Arcebispo, era Coronel do Serviço Secreto comunista russo. Em contra partida, João XXIII prometeu aos Comunistas russos que no Concílio não se condenaria o comunismo, nem o marxismo, e nem se mencionaria a URSS.

Foi o Cardeal Tisserand que, em nome de João XXIII, assinou esse infame acordo de Metz, que traía a Fé assim como milhões de vítimas do Comunismo.

h) Oitava causa do Vaticano II: o movimento ecumênico.

Padre Libânio não trata muito do movimento ecumênico.

Não diz, por exemplo, que o Movimento ecumênico, segundo Peter Hebblethwaite:



*“Por cinquenta anos o ecumenismo católico foi um tanto como uma corrente subterrânea. E Roncalli [o futuro João XXIII] lhe testemunhava a sua simpatia, antes porque era harmônico com sua experiência no Oriente”.* (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—II Papa del Concilio**, Rusconi, Milano, 1989, p.178).

Em fins do século XIX, a heresia do americanismo impulsionada pelo Padre Isaac Thomas Hecker, encontrou grandes difusores nos Estados Unidos: o Arcebispo de Saint Paul de Minnesota, Monsenhor John Ireland; o Cardeal de Baltimore e Primaz dos Estados Unidos, Monsenhor James Gibbons; Monsenhor Keane, Reitor da Universidade Católica de Washington, antigo discípulo do Padre Hecker.

Os americanistas, como eram chamados os seguidores do Padre Hecker, tinham provocado já grande celeuma ao participarem do Parlamento das Religiões que reuniu em Chicago, em 1893, católicos, protestantes, judeus, budistas, muçulmanos, espíritas, etc.

No Congresso Científico Internacional dos Católicos, reunido em Bruxelas em 1894, o mesmo Monsenhor Keane dizia: *"Há um esforço incontestável da humanidade em direção a costumes mais suaves, a um maior florescimento da caridade. Mas o fim da religião não é unir o homem a Deus e a seus irmãos? A religião é a caridade! Mesmo quando não nos pudéssemos entender quanto às crenças, não seria possível entrar em acordo quanto à caridade?"*

Esse já era um antecipado discurso no estilo e na doutrina do Vaticano II.

O americanismo, caudatário do Modernismo, foi condenado por Leão XIII na Carta Apostólica **Testem benevolentiae**, em 1899.

Esse ecumenismo do Americanismo vai ser prosseguido pelo movimento litúrgico do modernista Padre Lambert Beauduin, em seu mosteiro de Amay, que vai causar, em 1929, a encíclica **Mortalium Animos** de Pio XI, golpe mortal no ecumenismo, que só vai ressurgir com o Vaticano II.

E o ecumenismo era desejado pela Maçonaria:

O Barão Yves Marsaudon [Grão Mestre da Maçonaria do rito escocês], amigo de João XXIII] em seu livro **O Ecumenismo visto por um Franco Maçom de Tradição** exprime o desejo dos maçons de que o *“nosso Concílio”* proclame solenemente a liberdade religiosa. Ele defende o ecumenismo pregado pelo Concílio Vaticano II, escrevendo:

*"Os cristãos (...) não devem esquecer que todos os caminhos conduzem a Deus. (Há várias moradas na casa de meu pai), e manter-se nessa corajosa noção da liberdade de pensamento, e se pode verdadeiramente falar de revolução, que tendo partido de nossas lojas maçônicas, estendeu-se magnificamente sobre a cúpula de São Pedro"* (Yves de Marsaudon, **L`Oecuménisme Vu par un Franc-Maçom de Tradition**, Paris, 1965, p. 121, apud Mons Bernard Tissier de Mallerais, **Mons. Marcel Lefebvre -- Una Vita**, Tabula Fati Chieti, 2005, p. 376).

E o Barão Yves Marsaudon, encantado com os documentos do Vaticano II, acrescentou ainda:

*"Pode-se dizer que o ecumenismo é o filho legítimo da Maçonaria"* (Yves Marsaudon, **O Ecumenismo Visto por um Maçom de Tradição**, pp. 119-120).

i) Nona causa do Vaticano II: o movimento litúrgico

O Movimento liturgista, contra o qual prevenira Pio XII na encíclica **Mediator Dei**, fora iniciado no tempo do Modernismo por Padre Lambert Beauduin. Ele queria mudanças na Liturgia que introduzissem nas cerimônias eclesiais a nova mentalidade existencialista, portanto individualista e subjetivista, para a qual o mistério da Fé deveria ser reduzido à esfera racional humana, e mais, a uma compreensibilidade individualista, subjetivista, experimental. E por isso, se queria transformar a Missa de sempre, em Missa sem mistério sobrenatural, numa língua viva – a Missa em vernáculo – numa Missa “atual”, celebrada com cânticos populares laicos em voga, com uma nova simbologia moderna, sem nada que tivesse tom ou cor sagrada. Queria-se uma Missa “*inculturada*”.

É o que confirmou Padre Libânio em sua palestra:

*“Outra porta de acesso da modernidade. Em que aspecto? Sob o ângulo dos princípios modernos da existencialidade, da compreensibilidade e da participação.*

*Três reivindicações da modernidade que vêm a cavalo no movimento litúrgico.*

*A existencialidade mostrou-se no crescente desejo dos fiéis e nas reformas iniciadas por Pio X de que as celebrações não estivessem distantes das experiências das pessoas. **A categoria da existência, central na modernidade, invadiu o mundo cútico. As ações litúrgicas não são ritos fechados, herméticos, realizados por alguns ministros especializados, de que os fiéis recebem unicamente a objetividade dos frutos, sem vivenciá-los, sem perceber nenhuma relação deles com sua própria vida pessoal, comunitária, familiar, social. A existencialidade exigia uma compreensibilidade do que se celebrava. Com isso, a liturgia teve de submeter-se a transformações profundas, já que se cristalizara numa linguagem e cultura que se tornavam cada vez mais incompreensíveis para as pessoas da modernidade.***

*E por trás desses anseios, havia uma percepção da importância da **participação subjetiva e intersubjetiva das pessoas no ato litúrgico e não somente o valor objetivo e ontológico do rito. Rompia-se com o rubricismo rígido.***

***Atribuía-se importância ao reclamo da modernidade de colocar a pessoa no centro em vez da norma**, do direito frio e imutável. **Quebrava-se a hieraticidade e sacralidade intangível da liturgia, fazendo-a mais próxima das pessoas numa atitude bem moderna.***

*Por ele entraram também a ciência e a história. **Fizeram-se pesquisas históricas litúrgicas que relativizaram os ritos atuais, julgados definitivos. Ele fez correr para dentro da Igreja a linha da modernidade para alimentar a árvore que estava crescendo no seu interior** (J.B. Libânio, Conferência citada, p.17. O destaque é nosso).*

Foram essas raízes que produziram a Missa Nova de Paulo VI, Missa Nova profana, laica, racionalista, subjetivista, ecumênica, igualitária e democrática. Foi disso que se **produziu** uma Nova Missa do Vaticano II, que causou uma ruptura na Liturgia Católica, gerando a anarquia litúrgica que atualmente está arruinando a Fé em

milhões de almas, e rompendo a unidade da Igreja, ao romper a unidade do rito e a unidade da Fé.

Que essa Missa Nova tinha uma Teologia diferente à Doutrina Católica é hoje confessado publicamente.

O jornalista Patrick Perotto afirmou que a Missa de sempre se fundamenta numa noção sacrificial da Missa — ela é a renovação do sacrifício do Calvário — enquanto a nova missa de fundo protestante de Paulo VI se baseia numa teologia da comunhão e do ecumenismo.

Eis suas palavras:

*"Com efeito, por detrás do rito, se escondem problemas muito mais importantes. Em um sermão pronunciado no dia 10 de Setembro [de 2006] na igreja de Santo Eloi em Bordeaux, o Padre Laguérie não escondeu suas intenções: acabar com o Concílio Vaticano II. Dito em outros termos, ele deseja o retorno ao antigo rito que desenvolve uma visão sacrificial da Missa e não uma teologia da comunhão tal qual ela se pratica hoje, mas se opõe também ao ecumenismo com os protestantes e com os ortodoxos, ao diálogo inter religioso com as religiões não cristãs, assim como à liberdade religiosa. Antes do Concílio, a Verdade só podia ser católica!"* (Patrick Perotto, **Remoinhos em Torno da Missa em Latim**, artigo in **O Leste Republicano**, 31-X-2006).

Sim! A verdade é católica e só católica.

Somente a Igreja tem a Verdade que é Cristo Deus, o Verbo de deus encarnado.

E um jornalista do modernista site Golias — o inimigo de Davi e do Filho de Davi — furioso defensor do Vaticano II escreveu:

*"O antigo rito da Missa estava por demais marcado por uma Teologia inumana e talvez pagã, em todo o caso, pré-evangélica, de sacrifício"* (Christian Terras, Romano Libero, **Traditionnelle Vraiment?** — In Golias, 21 de Outubro de 2006 <http://www.golias.ouvaton.org/Traditionnelle-vraiment>).

Para esses hereges defensores acérrimos do Vaticano II a Missa de sempre era "***marcada por uma Teologia inumana e talvez pagã***".

E ainda, nesse mesmo artigo, escreveram esses autores que a Missa Nova tem uma Teologia oposta à Teologia da Missa católica de sempre:

*"O que está em jogo é importante do ponto de vista teológico. A Missa em latim de Pio V salienta a idéia de um Deus onipotente, afastado do mundo, que julga os homens, quando a Missa resultante do Vaticano II salienta a idéia de um Deus entre os homens. Na primeira, o sacerdote sobe os degraus do altar, portanto volta-se para Deus, dando as costas aos fiéis. Na outra, o Padre preside a assembléia no meio dos fiéis, como Cristo que veio*

*habitar entre os homens".*

**"São duas teologias que se confrontam, duas atitudes espirituais que se manifestam em liturgias diferentes. Não é uma questão de sensibilidade artística ou estética. Mas a manifestação de um sentido que é dado à mensagem cristã".** (Christian Terras, Romano Libero, artigo **Tradicional-Verdadeiramente**, <http://www.golias.ouvaton.org/Traditionnelle-vraiment>, 21 de Outubro de 2006. Os destaques são nossos).

#### j) Décima causa do Vaticano II: a Ação Católica laicizante, democratizante, socializante.

Os movimentos de Ação Católica foram verdadeiras células de Modernismo que pretenderam igualar, nivelar, laicato e sacerdócio. Nos movimentos de Ação Católica se ensinavam as idéias imanentistas, igualitárias do Modernismo. Nelas o marxismo penetrou fundo. Daí, o conluio da Ação Católica com o Partido Comunista. Daí, os padres Operários. Daí, os movimentos para por fim ao celibato clerical. Daí a colaboração de grupos inteiros da Ação Católica com o Partido Comunista e com a guerrilha. Há, até hoje, atuantes na política, e com cargos governamentais elevados, ex membros da JUC que fazem política de cunho marxista, como o apagado Governador de São Paulo, José Serra.

*"A entrada da modernidade pela via do movimento leigo teve um reforço na teologia do laicato que se impregnara de idéias da modernidade. Nesse ponto, a reflexão teológica de Y. Congar e a influência de J. Maritain e E. Mounier foram decisivas.*

*A Ação Católica produziu uma virada importante e inesperada. Ao querer ser, como braço da hierarquia, a presença do leigo no mundo moderno, terminou introduzindo- o na Igreja. São as ironias da história. A hierarquia pensava em ir até aos meios humanos mais importantes do mundo jovem - universitário, secundarista, operário, agrário e independente. por intermédio da Ação Católica especializada e esses meios invadiram a Igreja com suas perguntas, já impregnadas de modernidade.*

*A primeira intencionalidade da Igreja, respeito à Ação Católica, soava clericalista de manter a separação entre leigo e clero, e, de certo modo, distante do mundo moderno. No entanto, o desenrolar da história produziu efeito diferente, não previsto. **Formou um leigo autônomo, crítico, com iniciativas e permeado pela modernidade sociocultural**".* (J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21. O destaque é nosso).

## 4 - CAUSAS PRÓXIMAS DO VATICANO II

Conviria, agora, enumerar certas causas próximas ou circunstanciais do Vaticano II enunciadas por Padre Libânio.

## 1- As duas Grandes Guerras Mundiais e nova industrialização pós bélica da Europa.

*“Nenhum século, na história da humanidade, acumulou centena de milhões de cadáveres por causa das guerras. A Europa terminou a Segunda Guerra em ruínas materiais e espirituais. Vieram à luz os inomináveis crimes cometidos pelo nazifascismo em horrendos campos de extermínio de judeus e outros inimigos. A consciência européia mergulhou em gigantesca crise de valores, de credibilidade, de verdade, de ética”* (J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21).

Note-se que como genuíno Teólogo da Libertação, Padre Libânio fala dos crimes do nazi fascismo—crimes que foram horrendos, como, por exemplo, os Auschwitz- mas Padre Libânio não diz uma palavra sobre os crimes do Comunismo na URSS, na Espanha dos rojos, na Indochina, e em Cuba.

*“Ao mesmo tempo, iniciou-se um processo de reerguimento econômico jamais visto. A nação vencedora da guerra, os EUA, investiram bilhões de dólares na reconstrução econômica de países da Europa, inclusive da Alemanha, país derrotado. Vivia-se verdadeiro milagre econômico. A industrialização e a modernização transformavam uma Europa ainda muito agrícola em gigantesco parque industrial, rico e produtivo. A economia de mercado triunfava. Impunha-se a racionalidade econômica, mas ainda sob o controle do estado do bem-estar social, da pressão dos movimentos sociais e da Doutrina Social da Igreja, de modo que o neocapitalismo se humanizou muito em relação à sua fase selvagem manchesteriana.*

*“Dois fatores agiram paradoxalmente. De um lado, o abismo de miséria física e moral, de outro, a experiência e uma mentalidade de euforia de natureza materialista, de confiança no modelo econômico americano e na sua cultura. E essa cultura ostentava ao mundo um regime democrático de separação entre Igreja e Estado. Mesmo nessa situação, foi possível que uma liderança católica na pessoa de J. F. Kennedy assumisse a Presidência da República, abalando as teorias da era piana contra a democracia e a separação entre Igreja e Estado. O ar de esperança vinha do novo mundo e já não da velha Europa”*.(J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21. O destaque é nosso).

## 2 - Impõem um Dilema à Igreja

Já no final da Guerra, as nações vencedoras, lideradas pelos Estados Unidos, impuseram a democracia por toda a parte. No Brasil, caiu Getúlio. O que não foi grade coisa.

As Democracias vencedoras, consta, impuseram à Igreja um dilema: ou Ela se democratizava, ou sofreria a maior perseguição da História. Esta teria sido a causa próxima do Vaticano II que visou democratizar, o quanto possível, a Igreja, pela Colegialidade Episcopal, diocesana e paroquial. Foi por isso que o padre Congar declarou que o Vaticano II foi a realização dos Estados Gerais de 1789 na Igreja, a Revolução Francesa aplicada à Igreja.

A Missa Nova, nascida do Vaticano II, foi exatamente uma Missa democratizada, onde todo mundo tem que participar, e na qual o sacerdote se funde com aquilo que hoje se chama “*comunidade*”.

### 3 - O Comunismo e a URSS

Se os Estados Unidos venceram a Guerra, a potência emergente era a URSS, que em 1945 absorveu dez Estados europeus. Com a II Guerra Mundial, a URSS foi alçada pelos Estados Unidos ao nível de Potência Mundial. Se a propaganda soviética penetrava largamente em toda a parte, era porque o marxismo contava com o especial apoio dos meios de comunicação social, nos quais a infiltração marxista era muito grande. A Mídia criou o mito da URSS como potência de extremo valor militar, econômico, político e cultural.

Por toda a parte, locutores, jornalistas, professores e padres adotaram o jargão marxista.

Custou para o mito bolchevista ruir. Ele só desmoronou em 1989.

Mas na Mídia, em certas sacristias, nas escolas e universidades, assim como nos seminários e manifestos da CNBB, é notável ainda hoje a influência do Marxismo.

### 4 - Seminários minados

Enquanto isso, os seminários eram minados pela infiltração sutil de erros modernistas. Pouco a pouco, foram crescendo os Bispos que tomavam posição cada vez mais claramente progressista...

### 5 - Cientificismo

Nas Universidades e na Mídia a Ciência racionalista e atéia fazia campanha contra os dogmas católicos, ridicularizando a criação do homem, a prática da virtude especialmente da castidade. Marx, Darwin e Freud começavam a ser apresentados como cientistas cujas teses seria impossível refutar. Muitos católicos, levados por escritores progressistas, inclusive Bispos, começaram a se ver mais como filhos de macacos do que como filhos de Deus. Teilhard de Chardin era endeusado como cientista e teólogo, e seu sistema gnóstico pseudo-científico ganhava foros de verdade consagrada.

### 6 - Pio XII

Padre Libânio dá realce a aberturas feitas por Pio XII, favorecendo as inovações progressistas. Padre Libânio aponta como um ponto em que Pio XII teria favorecido o Progressismo, a encíclica **Divino Afflante Spiritu**, que teria sido redigida pelo futuro Cardeal Bea, então confessor de Pio XII:

*“Pio XII vai mais longe ao apoiar os trabalhos corajosos de exegetas do Pontifício Instituto Bíblico, sobretudo com a Encíclica Divino afflante Spiritu”*(J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21).

Em 1939, em sua primeira Mensagem de Natal, Pio XII acrescentou a seu texto natalino uma carta do Presidente Roosevelt afirmando que a Nova Ordem do Mundo que ia ser construída após a Guerra Mundial, teria que contar com a colaboração de todos os chefes de religião e de todos os Chefes de Estado (Cfr Pio XII, **Mensagem de Natal de 1939**). Ecumenismo e Onu já surgiam no horizonte...

Na Mensagem de Natal de 1944, depois que os americanos tomaram Roma, Pio XII lançou sua Mensagem de Natal defendendo a Democracia como regime político.

*“Pio XI e Pio XII continuaram a caminhada. O último deu o passo de reconciliação com a democracia, quinta-essência da modernidade política. Doravante, a Igreja se defrontará com os problemas da modernidade econômica, política e social de modo que ela vai penetrando a Igreja”* (J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21).

Também, quanto ao movimento litúrgico, Pio XII teve atitudes de abertura. Foi por nomeação dele que Monsenhor Bugnini, o fator da Nova Missa, entrou no Vaticano para trabalhar na futura reforma litúrgica. Ela começara a ser esboçada no tempo de Pio XII, Papa que permitiu –excepcionalmente sempre- que se fizessem experiências litúrgicas ousadas.

Escondidamente, faziam-se estranhas experiências litúrgicas, preparando os atuais abusos sacrílegos da Missa Nova

*“Em outros termos, Pio XII permitiu que novidades entrassem na Igreja. A decisão e a triagem, porém, eram dele. Acolheu, por exemplo, elementos modernos nos estudos bíblicos, na reforma litúrgica, na doutrina social. João XXIII, pelo contrário, entregou tal tarefa ao Concílio e, por isso, a entrada foi maciça e massiva.*

*Pio XII abriu algumas janelas para a modernidade, mas as que ele queria e quem ousasse abrir outras, poderia ser punido, como foi o caso da nova teologia”*(J.B. Libânio, Conferência citada, p. 21).



Padre Libânio não conta nada da biografia de João XXIII anteriormente à sua eleição ao Sumo Pontificado, sucedendo a Pio XII. Nada conta de sua formação modernista, de sua amizade profunda e bem comprometedora com o líder do Modernismo italiano, Padre Ernesto Buonaiutti, excomungado por São Pio X. Foi Buonaiutti quem lançou o Manifesto do Modernistas Italianos, e que escreveu um livro contra a encíclica **Pascendi** de São Pio X. Ele e Angelo Giuseppe Roncalli (João XXIII) eram muito ligados desde o tempo de seminário, e Buonaiutti foi o assistente de Roncalli em sua Missa de ordenação (Cfr. Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—Il Papa del Concilio**, Rusconi, Milano, 1989, pp.60-61 e 70).

Sobre o modernista Buonaiutti, três vezes excomungado, João XXIII teve palavras de “compreensão”:

*“As últimas palavras do Papa João para com seu antigo companheiro, são cheias de compreensão, e até afetuosas:*

*‘Morto, pois assim, aos 65 anos: sine luce et sine cruce. Os seus admiradores escreveram dele, que ele era um espírito profunda e intensamente religioso, aderente com todas as suas fibras ao cristianismo, estreitamente unido por vínculos inquebrantáveis à sua dileta Igreja Católica. Naturalmente nenhum abençoou seu féretro. Nenhum templo o acolheu para sua sepultura. Palavras de seu testamento espiritual entre 18 e 19 de Março de 1946: “posso ter errado. Mas não acho na substância de meu ensinamento matéria a rejeitar ou a retratar”. Dominus parcat illi (que Deus on perdoe)’ (Duodécimo aniversário, p. 121) (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—Il Papa del Concilio**, Rusconi, Milano, 1989, pp.669-670) Padre Libânio não contou que João XXIII era contrário a São Pio X (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—Il Papa del Concilio**, pp. 91 e 104).*

Padre Libânio não contou que João XXIII era contrário à encíclica **Pascendi** de São Pio X, condenadora do Modernismo, e à encíclica de Pio XI contra o ecumenismo, a **Mortalium Animos** (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—Il Papa del Concilio**, p. 91 e p.181).

Não conta que João XXIII foi demitido como professor da Universidade Lateranense por ser suspeito de Modernismo, e quem garante isso é o Padre Lambert Beauduin, outro modernista bem amigo e bem ligado a João XXIII (P. Hebblethwaite, op. cit, p. 192).

Padre Libânio não conta que Roncalli, o futuro João XXIII, era favorável à Nova Teologia do neo modernismo (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—Il Papa del Concilio**, p. 325).

Padre Libânio não conta que João XXIII era contrário ao sentido comum que se dá ao afirmar que o Papa é o Vigário de Cristo na terra, e nos textos do Evangelho ele não via a confirmação do dogma proclamado pelo Concílio Vaticano I, o de 1870:

*“Agora, porém, [o Papa] usa esse título complementar de “Vigário de Cristo”, expressão que ele [João XXIII] não evoca jamais sem temor e sem tremor. Para João XXIII este título, de todo modo, não tem o significado blasfemo segundo o qual ele [o Papa] se substituiria a Cristo ausente, significa antes que ele deve se mostrar sempre mais obediente a Cristo no amor: “O Vigário de Cristo sabe o que Cristo quer dele, não é preciso que o Papa passe adiante de Cristo para dar-lhe conselhos ou impor-lhe projetos” (GdA= **Giornale dell’ Anima**, 14, 8. 196) Nas*

referências petrinas do Novo Testamento, ele [João XXIII] não vê "textos comprovantes" que confirmem o ensinamento do Vaticano I, mas sim um apelo a maior amor" (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—II Papa del Concilio**, p. 549).

Portanto, João XXII não acreditava no dogma da infalibilidade papal. Mas exige-se, hoje, que se aceite o ensinamento do Concílio do Concílio Vaticano II, Concílio meramente pastoral, que nada definiu infalivelmente, como se fosse dogmático...

João XXIII, se diz, convocou o Concílio por inspiração do alto...

Que alto?

Padre Lombardi "cita de boa vontade a predição nítida e clara de Pio XII: 'Meu sucessor convocará um concílio'" (Ver Virgilio Rotondi, **Padre Lombardi**, in **Civiltà Cattolica**, 2 Fevereiro de 1980. Apud Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII—II Papa del Concilio**, p. 363).

João XXIII, o amigo do modernista ecumênico Buonaiutti e de Yves de Marsaudon, o Grão Mestre que propunha um acordo entre a Igreja e Maçonaria.

Roncalli convocou o Concílio...

João XXIII convocou o Concílio Vaticano II através da Constituição **Humanae Salutis**, divulgada no Natal de 1961, na qual ele afirmava que "O Concílio será um acontecimento **a serviço do mundo**" (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII- II Papa Del Concilio**, Rusconi, Milano, 1989, p.559. Destaques meus).

Um Concílio a serviço do mundo...

Não a serviço de Deus?

Como se pode servir a Deus e ao mundo?

Ao morrer, João XXIII disse ao Cardeal Amleto Cicognani e a Monsenhor Angelo Dell'Acqua:

**"Agora mais do que nunca, e certamente mais do que no século passado, estamos de acordo em servir o homem enquanto tal, e não somente aos católicos; a defender antes de tudo, e em qualquer lugar, os direitos da pessoa humana e não somente os direitos da Igreja Católica"** (Peter Hebblethwaite, **Giovanni XXIII- II Papa Del Concilio**, Rusconi, Milano, 1989, p.701).

O Barão Yves Marsaudon deve ter ficado contente com essa declaração de seu amigo Papa...

O Concílio Vaticano II trocou Deus pelo Homem.

Padre Libânio conta como João XXIII preparou o Vaticano II:

*“Em termos formais, João XXIII tomou algumas decisões que construíram o ambiente de abertura do Concílio. Preparou a linha ecumênica com a criação, em 1960, do Secretariado para a União dos Cristãos, do qual o Cardeal Bea, ex-reitor do Bíblico e ex-confessor de Pio XII foi nomeado presidente. Tal Secretariado criou um clima diferente de abertura, de diálogo com os irmãos de outras denominações cristãs. A presidência do Cardeal A. Bea, homem extraordinário pela sua formação bíblica, experiência eclesial e excelente trânsito no mundo ortodoxo e evangélico, deu-lhe enorme relevância.*

*João XXIII impulsionou a abertura à modernidade social, política e econômica por meio das duas luminosas encíclicas *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963). Reconheceu, como sinais dos tempos, de conotação teológica, fenômenos histórico-sociais: a .socialização., a ascensão econômico-social das classes trabalhadoras, a promoção da mulher, a liquidação das formas de dominação colonial<sup>9</sup>.*

*Mesmo que tenha herdado um emaranhado de questões teológicas, morais, pastorais e disciplinares à espera de resposta, afastou-se da via romana tradicional de dar soluções autoritárias por meio de encíclicas”*.(J.B. Libânio, conferência citada, p.).

### O Discurso de João XXIII na abertura do Concílio

Em primeiro lugar, Padre Libânio salienta que João XXIII criticou os profetas de desgraças que apresentavam uma visão pessimista da modernidade.

E quem eram esses famosos profetas de desgraças no século XX?

Sem dúvida, João XXIII tinha em vista os três videntes de Fátima e aqueles que acreditavam nas revelações de Nossa Senhora, na Cova da Iria, em 1917. João XXIII tinha uma visão otimista da Modernidade. Ele não acreditava no Syllabus que condenou como um erro a afirmação de que os papas deveriam se reconciliar com o Mundo moderno.

João XXIII leu, como Pio XII o Terceiro Segredo de Fátima que profetizou que haveria uma reforma da teologia católica, uma reforma da missa que seria uma “apostasia” (no dizer do Cardeal Ciapi, comentando esse terceiro segredo de Fátima), ou um suicídio da Igreja (Comentário do Cardeal Pacelli).

O Cardeal Pacelli disse em 1936:

*“Estou obcecado pelas confidências da Virgem à pequena Lúcia de Fátima. Essa obstinação de Nossa Senhora diante do perigo que ameaça a Igreja, é um aviso divino contra o suicídio que representaria a alteração da fé, em sua liturgia, sua teologia e sua alma”*. (Monsenhor Georges Roche e Philippe St. Germain, **Pie XII devant l’Histoire**, Laffont, Paris, 1972, pp 52 – 53).

João XXIII tachou Nossa Senhora de Fátima e os que veicularam o que Nossa senhora disse de “*profetas de desgraças*”...

Um segundo ponto destacado por Padre libânio no Discurso de abertura do Concílio por João XXIII foi o “*de interpretar a revelação tradicional (Escritura e Tradição), dialogando com a modernidade.*”

“*Nisso consiste o desafio pastoral de interpretar, e não de condenar*” (J.B. Libânio, conferência citada, p.).

O Concílio Vaticano II quis ser pastoral e não dogmático.

Discute-se até hoje o que significa o adjetivo que qualifica o Vaticano II como “pastoral”.

Que é pastoral aí?

Ninguém sabe direito, tantas explicações foram dadas.

Certamente pastoral foi o nome do cavalo de Tróia que introduziu na Igreja, triunfantes, os erros do Modernismo condenados por São Pio X na **Pascendie** no Decreto **Lamentabili**, assim como os erros do Liberalismo condenados por Pio IX, no **Syllabus**, e os da Nova Teologia , condenados por Pio XII na **Humani Generis**.

Os modernistas eram contra a formulação de dogmas. Eles não poderiam -- e não queriam -- fazer um Concílio dogmático. Seria uma contradição por parte deles.

O Concílio devia ser “*pastoral*”, dando instruções, orientações sem nada definir dogmaticamente.

E o próprio Paulo VI, em discurso pronunciado em janeiro de 1966, logo depois de encerrado o Concílio Vaticano II, respondeu, ele mesmo, qual era a autoridade com a qual se pronunciara o Concílio, e como os fiéis deveriam acatá-lo.

Disse Paulo VI:

*"Há quem pergunte que autoridade, que qualificação teológica o Concílio quer atribuir aos seus ensinamentos, pois bem se sabe que ele evitou dar solenes definições dogmáticas envolventes da infalibilidade do Magistério Eclesiástico. A resposta é conhecida, se nos lembrarmos da declaração conciliar de 6 de Março de 1964, confirmada a 16 de novembro desse mesmo ano" (...).*

*"Dado o caráter Pastoral do Concílio, evitou este proclamar em forma extraordinária [ex cathedra] dogmas, dotados da nota de infalibilidade. Todavia, conferiu a seus ensinamentos a autoridade do Supremo Magistério da Igreja" (Apud **Compêndio do Vaticano II**, editora Vozes, Petrópolis, p. 31).*

A autoridade insuspeita de Paulo VI dirime qualquer dúvida sobre o caráter não infalível -- portanto, falível -- do Vaticano II. Trata-se, portanto, de Magistério Ordinário da Igreja, mas falível, não exigindo adesão de fé divina e católica, e até podendo ou não ter erros.

Lembramos que o Magistério Ordinário só obriga gravemente quando ensina pontos de doutrina ou de moral, de modo constante e universal, repetindo um Papa o que os anteriores ensinaram por longo período, e dependendo do modo como, nesse magistério, o Papa exprime seu desejo de definir.

Quando se tratam, "*ao contrário, de ensinamentos que não são propostos nem com esta universalidade, nem com esta constância, soluções a problemas recentes que a Igreja ainda não generalizou, e nos quais mais precisamente, ela não entende engajar plenamente sua autoridade prudencial, nós diremos que o Magistério não os propõe senão de modo falível*" (Cardeal Journet, **L'Église du Verbe Incarné**, Desclée de Brouwer, Friburgo, 1955, vol., I, p. 456).

Nesses casos, "*sem ter direito a uma fé divina ou infalível [os ensinamentos pontifícios não dados expressamente como infalíveis] merecem sempre uma fé humana, e uma fé humana certa, tanto quanto não seja evidente, e ele o será raramente, que a Igreja se enganou de fato. É esta fé humana concedida aos ensinamentos não infalíveis da Igreja, e chamada em nossos dias de assentimento piedoso, que se deveria batizar pelo nome de fé eclesiástica, do mesmo modo que chamamos de lei eclesiástica as leis humanas e variáveis da Igreja, para distingui-las das leis verdadeiramente divinas e imutáveis*" (F. Marin-Sola, **L'Évolution homogène du dogme catholique**, t. I, p.429 cf. p. 479, e p. 493, nota 1). *Nós distinguimos, portanto, duas espécies de assentimento: a fé divina e a fé eclesiástica ou assentimento piedoso. Alguns distinguem três: a fé divina, a fé eclesiástica ou mediatamente divina, o piedoso assentimento. Nesta divisão tripartite, a categoria intermediária deve ser, segundo nós, reduzida à primeira categoria*" (Cardeal Journet, **L'Église du Verbe Incarné**, Desclée de Brouwer Friburgo, 1955, I, p. 454, nota 2. Os itálicos são do original).

Portanto, segundo o Cardeal Journet, aos ensinamentos não infalíveis se deve dar apenas uma fé eclesiástica.

Também a Comissão Teológica do Concílio Vaticano II, tratando da autoridade dos pronunciamentos conciliares declarou em 16 -XI - 1964:

"*Tendo em conta a praxe conciliar e o fim PASTORAL do presente Concílio, este sagrado Concílio só define aquelas coisas relativas à fé e aos costumes que abertamente declarar como de fé. Tudo o mais que o Sagrado Concílio propõe, como doutrina do Supremo Magistério da Igreja, devem-no os fiéis receber e interpretar segundo a mente do mesmo Concílio, a qual se deduz quer do assunto em questão, quer do modo de dizer, segundo as normas de interpretação teológica*". (Compêndio do Vaticano II, ed. Vozes, Petrópolis 1969, p. 21-22).

Ora, a Comissão Teológica do Concílio Vaticano II não declarou nada do que disse o Concílio como sendo de fé.

Logo, no Vaticano II nada há de infalível que exija adesão de fé divina e católica..

Diz Padre Libânio:

*“O sentido mais profundo do Concílio Vaticano II não foi o brindar à Igreja um texto terminado, mas criar novo espírito, nova mentalidade, introduzindo no interior da Igreja, a dimensão histórica, hermenêutica dialética. Ater-se à materialidade de seus textos é contradizê-lo, é desconhecê-lo. Pois ele mesmo anuncia a sua superação, ao aceitar o duplo princípio fundamental da perspectiva pastoral e ecumênica. Com a dimensão pastoral, quer-se dizer que se faz necessário contínuo diálogo com a realidade social. Ora, essa não parou em 1965. De lá para cá correu muita água no rio da história. E o esforço do diálogo, do confronto interpretativo deve continuar sua tarefa. Perspectiva ecumênica: também as igrejas evangélicas ortodoxas, não-cristãs deram passos, cresceram em autoconsciência. E, por isso, o diálogo tem de avançar. Parar no texto do Concílio Vaticano II é esquecer o espírito que o animou”* (Padre J.B. Libânio, S.J. **A Volta À Grande Disciplina**, Edições Loyola, São Paulo, 1983., p. 149. Os destaques são nossos).

Outro teólogo modernista—e por isso insuspeito de ser contrário ao Vaticano II---, o Padre René Laurentin, confessou que o Vaticano II intencionalmente foi ambíguo ao redigir os seus textos:

*“Aqui e acolá –[no Vaticano II]- se cultivava a ambigüidade como uma escapatórias oposições inextricáveis. Poder-se-ia dar uma longa lista de termos que incluem as tendências opostas, porque podiam ser vistos por ambos os lados, como jogos fotográficos nos quais se vêem dois personagens diferentes na mesma imagem conforme o ângulo em que se olhe. Por essa razão, o Vaticano II suscitou, e continuará suscitando muitas controvérsias”* (Padre René Laurentin, **L’Enjeu et le Bilan du Concile**, Seuil, Paris, 1966, p. 357, apud Padre Dominique Bourmaud **Cien Años de Modernismo**, Ediciones Fundación San Pio X, Buenos Aires, 2006, p. 344).

Portanto, o Vaticano II, sendo propositadamente ambíguo, querendo ser interpretativo, nada definiu, nada ensinou com autoridade definitiva.

Como tê-lo como infalível? Como tê-lo como magisterial?

Um magistério que intencionalmente fala de modo vago e ambíguo, para propositalmente permitir e ser entendido de vários modos, e até de modos contraditórios, na realidade, nada ensinou.

Na verdade, nem Magistério é.

... *“E più non dico...”*

São Paulo, 30 de maio de 2007

Orlando Fedeli


### ***Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento***

*João Batista Libânio, SJ*

*O Concílio Vaticano II encerrou a longa etapa da Contra-Reforma e da neocrisandade, modificando profundamente o clima da Igreja. A sua contextualização implica vários passos:*

- 1. Alguns traços da Igreja da Contra-Reforma;*
- 2. Realidades socioculturais que provocaram a crise desse modelo;*
- 3. A crise dentro da Igreja, provocada pela entrada da modernidade;*
- 4. Fatores imediatos que decidiram sobre a convocação e a orientação do Concílio nos seus inícios;*
- 5. Evento conciliar.*

#### ***I. Alguns traços da Igreja da Contra-Reforma***

*Esse modelo prevaleceu durante os séculos que se seguiram ao Concílio de Trento e que se firmou na era piana (de Pio IX a Pio XII), durante mais de um século*



(1846-1958).

*J. Delumeau traçou brilhantemente a epopéia da construção dessa figura de Igreja, surgida depois da Reforma Protestante. Sem rebuços, considera um mito a*

*idéia de uma Idade Média cristã de massas essencialmente rurais. Havia um grupo de cristãos bem evangelizado.*

*O povo professava uma religiosidade voltada para as realidades deste mundo por meio das devoções, das pro-histórica. A teologia nutria a obsessão das definições essenciais para exprimir a substância mesma das coisas, das verdades, da fé, do dogma. Cf. Geffré cognominou-a de teologia dogmatista.*

*Era a teologia dominante. Preocupava-se com perguntas internas à própria teologia em busca de clareza conceitual e não se deixava questionar pelos problemas vindos das ciências nem das experiências existenciais das pessoas nem da práxis. Permanecia longe do pensamento histórico com temor de este relativizá-la. A perspectiva dogmatista pergunta: Qual é a essência da verdade, da realidade? Em latim, se diz: Quid est? Que é? Criou-se a palavra latina quidditas, de pouca elegância, precisamente para traduzir a resposta da pergunta. É a quiddidade, termo que o dicionário Houaiss conhece e define: .entre os escolásticos, essência ou natureza real de algo. As respostas já vinham prontas dos catecismos e manuais que permaneceram intocados, praticamente, durante séculos.*

*As modificações eram cosméticas, mas não afetavam realmente o conteúdo.*

*Subjazia a essa teologia uma posição dualista da realidade humana. Dois mundos se opunham radicalmente: natureza e graça ou se quisermos mais exatamente, natural e sobrenatural. A essência do mundo sobrenatural é a graça. A essência do mundo natural é a natureza.*

*O mundo sobrenatural é o mundo da salvação. O mundo natural, se não é o da condenação, pelo menos, torna-se alheio à salvação. Predominava uma compreensão extrinsecista da graça, como realidade externa à natureza e que lhe vinha modificar as possibilidades e atividades.*

*Tudo o que era humano sem uma explícita intenção sobrenatural era desvalorizado em vista da vida eterna.*

*Esta teologia condicionava a autocompreensão e o agir da Igreja. Ela fazia parte do mundo da salvação e fora dela não havia salvação..*

*Este era o contexto eclesial principal que prevalecia na Igreja. Uma Igreja marcada pela visibilidade de suas características essenciais, por uma teologia dogmatista, zelando pela ortodoxia, por uma prática litúrgica bastante ritualista, por uma disciplina eclesial estrita, e por uma teologia dualista. As definições do Primado e da Infalibilidade do Magistério Pontifício do Concílio Vaticano I fizeram concentrar a compreensão de Igreja na pessoa do Papa. Nesse contexto, um Concílio aparecia como algo supérfluo, custoso e perigoso. Valeria mais confiar na administração romana com o carisma e assistência especial do Espírito Santo em questões de dogma e moral.*

*Se alguém pensasse, neste horizonte, nalgum concílio, seria unicamente para reafirmar as verdades de Trento e do Vaticano I, acrescentando aquelas que se contraporiaam aos erros surgidos na modernidade mais recente.*

## **II. Realidades socioculturais que provocaram a crise deste modelo**

*A morte de Pio XII não foi simplesmente o fim de um pontificado, mas o de uma era da Igreja. Um longo arco de dez séculos de modelo eclesiástico recebia um*

*primeiro golpe de morte. Fatores externos e internos da Igreja provocaram o desmoronamento dessa concepção de Igreja, abrindo o espaço para a novidade do Concílio.*

### **1. O século das Grandes Guerras e suas conseqüências**

*Nenhum século, na história da humanidade, acumulou centena de milhões de cadáveres por causa das guerras. A Europa terminou a Segunda Guerra em ruínas*

*materiais e espirituais. Vieram à luz os inomináveis crimes cometidos pelo nazifascismo em horrendos campos de extermínio de judeus e outros inimigos. A consciência européia mergulhou em gigantesca crise de valores, de credibilidade, de verdade, de ética.*

*Ao mesmo tempo, iniciou-se um processo de reerguimento econômico jamais visto. A nação vencedora da guerra, os EUA, investiram bilhões de dólares na reconstrução econômica de países da Europa, inclusive da Alemanha, país derrotado. Vivia-se verdadeiro milagre econômico. A industrialização e a modernização transformavam uma Europa ainda muito agrícola em gigantesco parque industrial, rico e produtivo. A economia de mercado triunfava. Impunha-se a racionalidade econômica, mas ainda sob o controle do estado do bem-estar social, da pressão dos movimentos sociais e da Doutrina Social da Igreja, de modo que o neocapitalismo se humanizou muito em relação à sua fase selvagem manchesteriana.*

*Dois fatores agiram paradoxalmente. De um lado, o abismo de miséria física e moral, de outro, a experiência e uma mentalidade de euforia de natureza materialista, de confiança no modelo econômico americano e na sua cultura. E essa cultura ostentava ao mundo um regime democrático de separação entre Igreja e Estado. Mesmo nessa situação, foi possível que uma liderança católica na pessoa de J. F. Kennedy assumisse a Presidência da República, abalando as teorias da era piana contra a democracia e a separação entre Igreja e Estado. O ar de esperança vinha do novo mundo e já não da velha Europa.*

*Anunciava-se, dentro de uma igreja católica, até então fortemente européia e romana, o declínio do eurocentrismo.*

*Ele foi corroborado pela onda de descolonização na África e na Ásia. Era o fim do colonialismo. O Terceiro Mundo ascendia à ribalta da história. Reinava um clima libertário. Desde a Indonésia, que se tornara independente em 1945, até o Zaire em 1960, uma série de países da África e da Ásia ia construindo sua identidade nacional na esperança e alegria da liberdade. Mesmo as colônias portuguesas, que se libertaram mais tarde, já se moviam em direção à autonomia, ao iniciarem, em 1964, as guerras da independência.*

## 2. O impacto cultural

*A era piana reagira e resistira à modernidade.*

*Entretanto, esta se impunha fora do ambiente eclesiástico com força crescente, partindo da elite ilustrada até as camadas populares. Quatro traços da cultura moderna foram decisivos para modificar profundamente o contexto envolvente do Concílio.*

*As ciências desfizeram a imagem do mundo antigo no qual ainda a fé e a teologia se exprimiam grandemente.*

*Era a imagem ptolomaica do universo, fixista, extremamente espacial, em que as próprias realidades celestes se situavam. Os céus lá em cima, a terra no meio e, em baixo, o inferno. Dentro dessa visão, a linguagem teológica forjou especialmente a escatologia.*

*A nova imagem nasceu da influência dos cientistas N. Copérnico (1473-1543), Galileu Galilei (1564-1642) e Newton (1642-1727), substituindo pela matemática o que era pensado em categoria de espaço localizável e regido por forças divinas e angélicas. Em seu lugar, entraram as leis da mecânica que Newton formulara. A ciência positiva moderna e a física matemática de Galileu e Newton destruíram para sempre a venerável imagem do mundo que garantia aos filhos da terra um lugar privilegiado, sob o olhar misericordioso da divindade.<sup>2</sup>*

*Substituiu-se a autoridade da Igreja pela constatação científica.*

*Mais próximo dos anos conciliares, circulavam as teorias darwinianas do evolucionismo, ameaçando a concepção que a teologia fazia dos inícios de graça e pecado da humanidade. Emergia dessa concepção um ser humano bem diferente daquele posto no paraíso terrestre na inocência inicial para depois do pecado ser expulso.*

*Nos princípios, estava um homem muito próximo do animal na sua violência destrutiva e que se originava de ondas evolutivas. Eram os primeiros momentos de um conflito entre fé e ciência que até hoje perdura. **No entanto, o Concílio Vaticano II assumiu enfrentar tal problema e reinterpretar verdades de fé no novo horizonte das ciências modernas.***

*Um segundo encontro se deu com a emergência da **subjetividade**. Em termos simples, significou a tomada de consciência por parte do sujeito moderno de sua liberdade, autenticidade, autonomia em contraste com a situação anterior de dependência das forças da natureza, das tradições familiares, religiosas e culturais. Já não as acatava por si mesmas, mas as fazia passar pelo crivo de sua própria experiência, da maneira de ver as coisas. O existencialismo que freqüentava as academias tornou-se um modo comum de as pessoas pensarem e viverem. Assim, verdades e valores, que ontem se impunham pela força da autoridade e das tradições, eram questionados pelas pessoas com base na própria vivência, no gosto e no prazer.*

***A história marcou o contexto cultural do Concílio. Rompeu com a concepção estática das formulações das verdades dogmáticas e morais.** A metodologia histórica vinha sendo empregada em vários campos do pensar*

moderno, gerando certa relativização dos conhecimentos.

*Esse pensamento histórico quebrou a rigidez escolástica, mostrando que era fruto de um tempo determinado aquilo que se pensava ser .filosofia ou teologia perene..*

*Uma quarta onda inundou as praias da Igreja nas imediações do Concílio. Vinha da 2ª Ilustração que levantara suspeita de alienação contra o agir da religião, das igrejas. Fez entrada no pensamento moderno a teoria marxista a partir da categoria da práxis. Instituiu no interior do mundo religioso a crítica ideológica.*

*Ainda não era a entrada da teologia da libertação, que só aconteceria depois do Concílio. Na Europa, porém, antes do Vaticano II, sob a forma de progressismo, se gestava um pensamento crítico a posições ideológicas conservadoras dos cristãos no campo da política. Ele nasceu do contacto com a revolução operária, com um mundo popular rejeitado e sofrido, enquanto a Igreja estava ausente. A consciência do cristão foi tocada por essa realidade de contraste e provocou perguntas teológicas:*

*Como interpretar essa realidade social à luz da fé cristã?*

*Como a Igreja conseguirá marcar presença nela? Como enfrentar o encontro com a ideologia marxista que estava a ocupar todo esse setor da sociedade?*

2 G. Gusdorf, *A agonia da nossa civilização*, São Paulo, Convívio, 1978, p. 32s.

*Além da crise religiosa e ética, as duas grandes guerras mundiais produziram uma aguda desconfiança em relação às instituições com repercussões sobre as religiões e igrejas. Já se anunciava uma secularização das instâncias religiosas com uma subjetivização das formas religiosas. Depois do Concílio, essa onda cresceu a ponto de engendrar a teologia da morte de Deus.*

### **III. A entrada na Igreja da crise provocada pela**

#### **modernidade**

*Esse condicionamento sociocultural impunha-se de fora da Igreja. E enquanto a hierarquia romana pôde, criou barreiras fortes para que os fiéis não fossem afetados por essas realidades. Pio XII enfrentou amplamente esses questionamentos em suas encíclicas e inúmeras alocuções, definindo, com clareza, os limites da ortodoxia dogmática e moral.*

*No entanto, essa problemática entrava na Igreja por outras portas. Desde o século XIX, e sobretudo na primeira metade do século XX, explodiu por diversos lados da Igreja Católica uma série de movimentos que carregavam dentro de si as demandas da modernidade científica, da subjetividade, da história e da*

*práxis. Infiltraram-se na Igreja tridentina da Contra-Reforma, minando-a de tal maneira que, depois da morte de Pio XII, ela parecia um navio que vazava água por todos os lados.*

*Deixava-se lentamente para trás a concepção constantiniana da Igreja de Cristandade, na sua função de tutela da sociedade, do saber, da moral, do comportamento das pessoas. A modernidade, que se exprimira nos seus inícios pela Reforma no campo religioso e pela mudança de imagem de mundo no referente ao espaço sociocultural, significava, ao mesmo tempo, um dado religioso e um fato sociocultural. Sob esses dois aspectos constituiu o contexto principal envolvente do Concílio, causando enorme impacto sobre ele.*

*Em resumo, dois movimentos atravessavam a Igreja nesse final da década de 1950. De um lado, nítida resistência aos embates da modernidade e, de outro, um*

*penetrar dela na Igreja pela via, especialmente dos movimentos.*

*A resistência da Igreja Católica à modernidade não pode ser entendida fora desse contexto de uma igreja, que, açulada, de um lado, pelos reformadores, e, de outro, às voltas com a rebelião da razão moderna, se defrontava ainda com seus fiéis presos a uma religião mais supersticiosa do que teológica.*

*A Igreja, na saída da Idade Média, parecia com pais superprotetores, preocupados, em casa, com a educação dos filhos menores e, ao mesmo tempo, vigilantes diante dos perigos de fora que lhes ameaçavam a educação. A reação contra os inimigos externos e a necessidade da inculcação interna confundiam-se de tal modo que não se sabia por que razão, realmente, se tomavam as decisões, já que os fatores eram simultâneos.*

*Todavia, ao mesmo tempo, os filhos começavam a mudar de mentalidade, freqüentando, de várias maneiras, a modernidade e inserindo-a, discretamente, em movimentos de renovação, que brotavam nos diversos campos da vida eclesial. Indicaremos aqui os mais importantes sem preocupação cronológica, difícil de ser estabelecida, mas simplesmente didática.*

## **1. O movimento bíblico**

*O rigor dogmático da era piana não se reproduziu no campo bíblico. Pio X tomara duas posições antitéticas.*

*Aprovou medidas restritas nas investigações bíblicas por meio de Declarações da Comissão Bíblica de Roma<sup>3</sup>. No entanto, fundou o Pontifício Instituto Bíblico, em Roma, confiando-o aos jesuítas. E ele se entregou a investiga-ções sérias no campo bíblico, trazendo avanços consideráveis na compreensão da inspiração, da inerrância na Escritura, da redação dos livros bíblicos.*

*Pio XII vai mais longe ao apoiar os trabalhos corajosos de exegetas do Pontifício Instituto Bíblico, sobretudo com a Encíclica *Divino afflante Spiritu*. A ciência moderna entrava por meio da arqueologia bíblica, papirologia, descoberta de novos manuscritos, da lingüística no conhecimento e interpretação da Escritura. Rompeu-se a rigidez da existência de um único sentido literal dos textos bíblicos, que era ensinado autoritariamente pelo magistério. Criou-se maior liberdade para o exegeta ir aproveitando os dados científicos para interpretar os sentidos da Palavra de Deus. Terminava a era do fundamentalismo e literalismo bíblico, apoiado na concepção da Escritura como ditada por Deus ao hagiógrafo. Assumia-se o lado humano do escritor bíblico, sujeito às*

*vicissitudes de toda redação, analisável pelos instrumentos das ciências.*

## **2. Movimento litúrgico**

*Outra porta de acesso da modernidade. Em que aspecto? Sob o ângulo dos princípios modernos da existencialidade, da compreensibilidade e da participação.*

*Três reivindicações da modernidade que vêm a cavalo no movimento litúrgico.*

*A existencialidade mostrou-se no crescente desejo dos fiéis e nas reformas iniciadas por Pio X de que as celebrações não estivessem distantes das experiências das pessoas. A categoria da existência, central na modernidade, invadiu o mundo cúltilo. As ações litúrgicas não são ritos fechados, herméticos, realizados por alguns ministros especializados, de que os fiéis recebem unicamente a objetividade dos frutos, sem vivenciá-los, sem perceber nenhuma relação deles com sua própria vida pessoal, comunitária, familiar, social. A existencialidade exigia uma compreensibilidade do que se celebrava. Com isso, a liturgia teve de submeter-se a transformações profundas, já que se cristalizara numa linguagem e cultura que se tornavam cada vez mais incompreensíveis para as pessoas da modernidade.*

*E por trás desses anseios, havia uma percepção da importância da participação subjetiva e intersubjetiva das pessoas no ato litúrgico e não somente o valor objetivo e ontológico do rito. Rompia-se com o rubricismo rígido.*

*Atribuía-se importância ao reclamo da modernidade de colocar a pessoa no centro em vez da norma, do direito frio e imutável. Quebrava-se a hieraticidade e sacralidade intangível da liturgia, fazendo-a mais próxima das pessoas numa atitude bem moderna.*

*Por ele entraram também a ciência e a história. Fizeram-se pesquisas históricas litúrgicas que relativizaram os ritos atuais, julgados definitivos. Ele fez correr para dentro da Igreja a linfa da modernidade para alimentar a árvore que estava crescendo no seu interior.*

## **3. Movimento ecumênico**

*O modelo tridentino se construíra em permanente embate com a Reforma e com a modernidade. Sustentava-se, alimentado pelo espírito apologético, de defesa e refutação das posições adversárias e de conquista de novos adeptos pela via da evangelização conquistadora. Da católica Europa e, mais tarde, dos EUA, saíram, para o mundo inteiro, ardorosos missionários a fim de .plantar a Igreja. nos outros continentes, convertendo os infiéis, fortalecendo as igrejas locais em nítida concorrência com os evangélicos.*

*Modernidade significa tolerância, diálogo, respeito à pluralidade de opiniões, liberdade de expressão.*



*Essa face moderna penetrou a Igreja Católica pela porta do ecumenismo. Nascido por razões missionárias a fim de evitar o escândalo de pregar o único Evangelho de Jesus Cristo na diversidade e oposição de igrejas, evoluiu para crescente diálogo. Pôr-se em tal atitude implicava, necessariamente, distanciar-se da rigidez do modelo tridentino e iniciar outro modo de ser Igreja.*

*No início, a Igreja Católica trabalhou com a imagem de ser ela o redil de que as ovelhas da Reforma se afastaram. E, portanto, seguindo a parábola evangélica,*

*alimentou a ilusão de esperar que voltassem para então acolhê-las. Cabia-lhe a única função de esperar a volta. Viam os protestantes como filhos pródigos que*

*abandonaram a casa paterna. O pai aguarda-lhes o retorno.*

*O movimento ecumênico fê-la entender que a ruptura envolvia igualmente os dois lados e que ecumenismo exigia postura diferente, mais próxima dos ideais da modernidade do que da herança tridentina. Tratava-se de assimilar um espírito de diálogo, de respeito à verdade do outro, de reconhecimento da pluralidade, elementos fundamentais da nova cultura.*

#### **4. Movimento dos leigos**

*À medida que o modelo tridentino reforçava a estrutura clerical, produzia um tríplice efeito sobre o laicato.*

*Afastou da Igreja aqueles leigos que já não conseguiam articular os ensinamentos dogmáticos e morais oficiais com a sua mentalidade moderna. Percebia contradições que não lhe reforçavam os impasses entre fé e ciência, fé*

*e cultura, fé e modernidade, fé e mundo real de vida.*

*Principalmente dois universos culturais se afastaram da Igreja: o mundo operário e as classes ilustradas.*

*Outros leigos permaneceram no interior da Igreja em atitude de submissão e obediência, quer de maneira espontânea e piedosa, quer de modo consciente em postura de fé profunda. Essa presença predominava nas regiões rurais e em periferias urbanas de mentalidade ainda interiorana. Todavia a urbanização e a secularização iam lentamente devastando esses fiéis. Os que vinham de classes cultivadas sofriam as dúvidas e dificuldades, recorrendo, não raro de maneira heróica, a uma fé profunda e abnegada.*

*Um terceiro grupo enveredou por uma via média.*

*Nem saíram da Igreja, nem também se submeteram em atitude ingênua ou de renúncia magnânima. Constituíram movimentos de leigos que buscavam difícil equilíbrio entre a fidelidade e a crítica, entre a permanência e o desbravar novos caminhos. Isso aconteceu nos dois meios que mais sofreram os impactos da modernidade: classes operárias e classes ilustradas liberais.*



*A Ação Católica conseguiu incorporar dentro de si esses dois universos humanos, diferenciando-os. Para os operários adultos, a Ação Católica Operária ofereceu-lhes espaço para serem operários e Igreja. Para os jovens, a JOC desenvolveu uma metodologia excepcional que os fez ser críticos dentro da sociedade e da Igreja, mantendo uma fidelidade de base. Nesse contexto, emergiu*

*a extraordinária figura do sacerdote belga J. Cardijn (1882-1967), mais tarde elevado ao cardinalato por Paulo VI (1965). Ele intuía a importância de viver a fé inserida no próprio meio, batalhado pela modernidade industrial.*

*Articulou duas tarefas. De um lado, o jovem era preparado para manter a dupla fidelidade à fé e a seu mundo de jovem operário. E, de outro, se fazia evangelizador de seus companheiros de trabalho, anunciando-lhes o evangelho.*

*Em espírito semelhante, alguns sacerdotes sonharam em viver a dupla vocação operária e sacerdotal. Fizeram-se .padres operários.. Mesmo que não tenham sido bem compreendidos e a experiência tenha sido abortada, eles serviram de ponte para a modernidade operária e a Igreja. Levaram ao extremo o projeto pastoral de inserir-se no meio. Em 1953, eram cerca de 90 sacerdotes diocesanos e religiosos.*

*A entrada da modernidade pela via do movimento leigo teve um reforço na teologia do laicato que se impregnara de idéias da modernidade. Nesse ponto, a reflexão teológica de Y. Congar e a influência de J. Maritain e E. Mounier foram decisivas.*

*A Ação Católica produziu uma virada importante e inesperada. Ao querer ser, como braço da hierarquia, a presença do leigo no mundo moderno, terminou introduzindo-o na Igreja. São as ironias da história. A hierarquia pensava em ir até aos meios humanos mais importantes do mundo jovem - universitário, secundarista, operário, agrário e independente . por intermédio da Ação Católica especializada e esses meios invadiram a Igreja com suas perguntas, já impregnadas de modernidade.*

*A primeira intencionalidade da Igreja, respeito à Ação Católica, soava clericalista de manter a separação entre leigo e clero, e, de certo modo, distante do mundo moderno. No entanto, o desenrolar da história produziu efeito diferente, não previsto. Formou um leigo autônomo, crítico, com iniciativas e permeado pela modernidade sociocultural.*

## **5. Movimento teológico**

*Nesse movimento, apareceu o explícito e desejado confronto da teologia com a modernidade. As primeiras tentativas de aproximação com o pensamento moderno se deram por meio da renovação teológica da Escola de Tubinga, no século XIX. Em seguida, no início do século XX, um surto teológico, condenado sob o nome de .modernismo., assumiu ainda mais fortemente o roteiro ideológico da modernidade. Abortado pela dura intervenção de Roma, jogaram-se fora a água suja, a bacia e a criança. Mais tempo de espera. No entre- guerras, o movimento querigmático de Innsbruck pretendeu pensar uma teologia próxima da cultura moderna, ao menos, para aqueles que não se dedicariam às tarefas acadêmicas.*

*O movimento que mais marcou o contexto teológico anterior ao Concílio, chamou-se .Nova Teologia.. A plataforma de ação foi lançada por Jean Daniélou, em memorável artigo na revista jesuíta Études de Paris, nos seguintes termos:*

*“A teologia de hoje tem diante de si uma tríplice exigência:*

*Ela deve tratar Deus como Deus, não como objeto, mas como o sujeito por excelência, que se manifesta quando e como ele quer, e, por conseqüência, ser, primeiramente, penetrada do espírito religioso;*

*Ela deve responder às experiências da alma moderna e levar em conta as dimensões novas que a ciência e a história deram ao espaço e ao tempo, que a literatura e a filosofia deram à alma e à sociedade;*

*Ela deve, enfim, ser uma atitude concreta diante da existência, uma resposta que engaja o homem inteiro, à luz interior de uma ação onde a vida se joga totalmente.*

*A teologia não será viva a não ser que responda a estas aspirações” 4.( J. Daniélou, Les orientations présentes de la pensée religieuse, in Etudes 249 (1946), p. 7)..*

*Ai apareceram claramente as exigências da modernidade: a dimensão de sujeito, as experiências do homem moderno, a ciência, a história, a literatura, a filosofia, uma compreensão global da existência, o caráter vital.*

*Repescou do modernismo, condenado por Pio X, o uso dos métodos crítico-históricos na interpretação da Escritura. Os defensores dessa teologia valorizaram, na concepção de Igreja, as dimensões de mistério, de comunidade, de participação ao arrepio do aspecto acentuadamente jurídico. Olhavam as realidades terrestres de maneira otimista, capaz de perceber nelas a presença e ação de Deus. Batiam-se por uma compreensão integrada e bem articulada das dimensões natural e sobrenatural, seguindo as pegadas deixadas por M. Blondel com a Apologética da Imanência, que já apontava para os .pontos de identidade., .pontos de inserção. da transcendência no dinamismo espiritual do ser humano.*

*O programa dessa teologia defendia também uma intelecção processual e histórica das verdades de fé em oposição ao fixismo e formalismo da letra. Desposou, com audácia, a concepção evolucionista de Teilhard de Chardin, cujos escritos circulavam de forma provisória, já que só puderam ser publicados depois de sua morte, em 1955. Na emblemática consigna de .volta às fontes., a nova teologia encontrava-se paradoxalmente com os anseios do momento presente, pois esse retorno aos inícios se viabilizava precisamente pelo recurso aos recentes métodos desenvolvidos na modernidade crítico-literária.*

*Enfim, as grandes perguntas da modernidade filosófica, advindas da razão autônoma, da subjetividade, da experiência existencial, da história, das ciências, da*

*concepção evolucionista da natureza e da práxis forçavam entrada no âmbito eclesial pelas vias inteligentes do movimento da .Nova Teologia.. Mesmo que uma intervenção romana lhe tenha bloqueado o avanço explícito, já estavam aí os germes do que o Concílio assumirá.*

## **6. Movimento social**

*Leão XIII é considerado o pai da Doutrina Social da Igreja na sua forma atual. E a encíclica que abriu esse cenário foi a Rerum novarum (1891). É sintomático que ela comece com as duas palavras .Das coisas novas..*

*Que coisas eram essas? A modernidade social que derivava da 2ª Ilustração, cujo protagonista principal foi K. Marx, ao lançar o desafio da práxis, da transformação da realidade social em nítida crítica a uma religião, ópio do povo.*

*Pio XI e Pio XII continuaram a caminhada. O último deu o passo de reconciliação com a democracia, quinta-essência da modernidade política. Doravante, a Igreja se defrontará com os problemas da modernidade econômica, política e social de modo que ela vai penetrando a Igreja.*

#### ***IV. Fatores imediatos que decidiram sobre a convocação e a orientação do Concílio nos seus inícios***

*Contra esse horizonte maior da modernidade, que entrou na Igreja e que decidiu sobre a natureza do Concílio, fatos imediatos terminaram por construir-lhe a moldura.*

*A história conjuga transformações de longa duração, de respiro amplo com eventos e pessoas de duração curta e de influência imediata. Esse duplo jogo constrói o real. O primeiro pertence aos elementos estáveis, diuturnos, previsíveis. O secundo carrega-se de muita imprevisibilidade e termina por ser a última gota. Reflete o lado do aleatório da história que resiste a rígidos determinismos teóricos.*

*Uma leitura puramente de fé vê nos acontecimentos a mão de Deus. Uma leitura puramente histórica admira as coincidências decisivas. Uma leitura, que articula ambas, percebe Deus agindo nesse fortuito humano.*

*O Concílio Vaticano II não escapou dessa lei da história e se submete, por isso, a tal leitura teológica. Não caiu do céu feito um bólido em noite escura. Foi tecido pela malha lenta do tempo. No entanto, em dado momento, uma série de pequenas circunstâncias criou a conjuntura propícia para seu real acontecer.*

*Trata-se de uma difícil escolha. O analista arrisca fazer a sua. E além disso, o limite de uma conferência obriga-nos a reduzir a alguns deles. A ordem não segue*

*nenhuma hierarquia de valor.*

#### ***1. A figura intrigante do Papa João XXIII***

*É consensual afirmar que a personalidade de João XXIII foi decisiva, não simplesmente porque ele, materialmente, convocou o Concílio, mas pelo clima que ele criou na Igreja em torno da convocação. Esta não surgiu como um ato voluntarista que, num gesto de bravura cinematográfica, rompeu com tudo e com todos.*

*Não foi um homem qualquer que se defrontou com a herança de Pio XII. Sua morte deixara enorme vazio.*

*O colégio cardinalício, pouco renovado, não parecia sementeira fértil para escolher um papa para aquele momento em que se sentia claramente, no interior da Igreja, o embate da cultura moderna a impor-se e a tradição tridentina resistindo.*

*Depois de um grande pontificado, o sucessor corre o risco de ficar preso à sombra de seu antecessor e amealhar os bens deixados por ele. Por timidez ou mediocridade, não ousa dar nenhum passo diferente. Procede como um treinador que, depois de ver os atletas terminarem uma corrida, propicia-lhes um repouso. A Igreja do final do pontificado de Pio XII mostrava-se cansada por causa do duro embate conduzido pelo Papa entre a defesa da verdade dogmática, moral e disciplina, e os ataques vigorosos da modernidade em ampla frente.*

*Esse sentimento pareceu dominar o colégio cardinalício que escolheu um ancião de 77 anos com previsão de poucos anos de vida para oferecer à Igreja um tempo de transição. A sabedoria romana optou pela espera.*

*Nada melhor que escolher um .papa de transição., idoso, que não tenha muita energia para empreender a tarefa gigantesca exigida para um mundo que emergira de terrível guerra mundial com seus valores fundamentais abalados. A história da Igreja conhece papas de transição, de espera de um outro mais jovem, capaz e decidido.*

*Naqueles idos, já despontava a figura de Mons. Montini, que ainda não era cardeal e, portanto, estava fora do páreo. E a escolha de João XXIII vinha muito bem para dar um tempo a fim de fazê-lo cardeal e depois confiar-lhe um arco de tempo mais longo no governo da Igreja.*

*João XXIII foi esse acidente de percurso na sucessão dos pontífices. Ele parecia responder às expectativas para um tempo de passagem. Além disso, era um homem sábio, que tinha enfrentado situações delicadas no tempo da guerra e pós-guerra, quer na Turquia, quer na França, com enorme prudência e sagacidade, além de ter acumulado a experiência pastoral em Veneza.*

*Aí entrou a imprevisibilidade da história com uma personalidade que não se acanhou em substituir Pio XII, nem lhe seguiu o modo hierático de governar a Igreja. Quebrou o gelo romano com uma maneira simples, humana, direta de viver. O anedotário do Papa é muito rico. Por ele, conseguimos captar-lhe a originalidade que decidiu sobre a natureza e o encaminhamento do Concílio.*

*Por brevidade, indicaremos alguns pontos em que a personalidade de João XXIII pesou insofismavelmente, no destino do Concílio.*

*Uma leitura teológica não dispensa olhar para o quilate espiritual de João XXIII. Hoje sua santidade já foi reconhecida pelo ato de beatificação. Unia enorme capacidade de discernimento, de sabedoria, de sagacidade à humildade corajosa. Muito tranquilo sobre si, revelando sadia psicologia, apoiada em piedosa e devota confiança em Deus, ousava. Certa vez repreendeu delicadamente seu secretário que temia por sua saúde, quando quis empreender a árdua tarefa do Concílio: .Você ainda não se despojou de si mesmo, anda preocupado em fazer bela figura. Só quando um homem calçou o próprio eu debaixo dos pés é que consegue ser verdadeira e plenamente livre. E você ainda não é!.*

*Os que conviveram com João XXIII descreveram-no como uma pessoa de enorme bonomia, simplicidade e*

*bondade afetuosa.6. Ao falar da escolha do nome*

*de João, ele revelou essa dimensão afetiva: .João, nome doce, nome suave, nome solene: Chamada e convite a amar sempre, a amar todo o mundo, a amar em toda circunstância, mesmo quando a voz ou a pena têm o dever de condenar.7. G. Zizola resumiu essa atitude básica de sua vida: ele preferiu a misericórdia ao bastão da punição.*

*Portanto, o conjunto humano de virtudes muito rico de simplicidade, sabedoria, experiência plural, sagacidade, tranqüilidade sobre si mesmo como fruto de profunda fé e confiança em Deus, fez desse ancião do Vaticano, mais que um .Papa de transição., o verdadeiro Papa da transição. da Igreja dos tempos pré-modernos para a modernidade.*

## **2. Abertura ecumênica**

*Desde o início, mostrou enorme interesse ecumênico. Ao aproximar-se daqueles que professavam outra confissão evangélica ou religião ou mesmo eram*

*não-crentes, buscava o diálogo em lugar de qualquer anátema. Olhava o mundo como o grande palco da ação de Deus e perscrutava os sinais dos tempos para entender o significado do agir de Deus. Conta-se que, ao receber o arcebispo anglicano de Cantuária, lhe teria dito: .Tão pouca coisa nos separa, somente as idéias.. O coração, a comunhão nos ideais humanos e cristãos pesavam para ele muito mais que divergências dogmáticas.*

## **3. Acolhida do mundo socialista**

*Surpreendente foi sua abertura para o mundo comunista.*

*Quem se lembrar do contexto da Itália do pós-guerra, em que o Partido da Democracia Cristã disputou, palmo a palmo, o poder com o Partido Comunista e da*

*posição de Pio XII de excomungar quem votasse no Partido Comunista, ficará estarecido de ver João XXIII trocar telegramas com Nikita Krutchev. Este o felicitara pelos 80 anos de vida. Era a primeira vez que, depois da Revolução de outubro de 1917, os soviéticos batiam à porta do Papa de Roma. E o Papa depois retribuiu-lhe tal saudação.*

*5 G. Zizola, A utopia do Papa João, São Paulo, Loyola, 1983, p. 291.*

*6 Mes six papes. Souvenirs romains du Card. J. Martin, Paris, Mame, 1993, p. 93.*

7 Id., p. 94.

*Outro momento emocionante foi a audiência de Alexei Adjubei e sua esposa Rada Krutschev, filha do Secretário-Geral do Partido Comunista e Primeiro Ministro da URSS. Nela o Papa mostrou enorme sensibilidade humana, conversando com Rada sobre seus três filhos. .Minha senhora, sei que a senhora tem três filhos e até conheço o nome dessas crianças, mas gostaria que fosse a senhora mesma quem me dissesse os nomes de seus filhos, porque, pronunciados pela voz da mãe, eles soam com uma ternura particular.. Rada disse os três nomes: Nikita, Alexei e Ivan. O Papa comovido retrucou:*

*Que lindos nomes, senhora! Nikita é Nicéforo, um santo que é muito querido ao meu coração: cheguei mesmo, em Veneza, a ter oportunidade de venerar o seu corpo.*

*Alexei é Alexandre, que também é um grande santo.*

*Quando eu estava na Bulgária, visitei tantos santuários e conventos dedicados a Santo Alexandre. E Ivan! Pois Ivan, minha senhora, é João, e João sou eu. E João é o nome que escolhi para o meu pontificado, é o nome do meu pai, é o nome do meu avô, é o nome do outeiro que domina a casa onde nasci, é o nome da basílica de que sou bispo, São João de Latrão. Quando voltar para casa, minha senhora, leve para seus filhos as minhas afetuosas saudações, mas leve uma saudação particular para Ivan: verá que os outros não ficarão sentidos<sup>8</sup>. (G. Zizola, A utopia do Papa João, São Paulo, Loyola, 1983, p. 198).*

#### **4. Alguns fatos do pontificado**

*Em termos formais, João XXIII tomou algumas decisões que construíram o ambiente de abertura do Concílio. Preparou a linha ecumênica com a criação, em 1960, do Secretariado para a União dos Cristãos, do qual o Cardeal Bea, ex-reitor do Bíblico e ex-confessor de Pio XII foi nomeado presidente. Tal Secretariado criou um clima diferente de abertura, de diálogo com os irmãos de outras denominações cristãs. A presidência do Cardeal A. Bea, homem extraordinário pela sua formação bíblica, experiência eclesial e excelente trânsito no mundo ortodoxo e evangélico, deu-lhe enorme relevância.*

*João XXIII impulsionou a abertura à modernidade social, política e econômica por meio das duas luminosas encíclicas Mater et magistra (1961) e Pacem in terris (1963). Reconheceu, como sinais dos tempos, de conotação teológica, fenômenos histórico-sociais: a .socialização., a ascensão econômico-social das classes trabalhadoras, a promoção da mulher, a liquidação das formas de dominação colonial<sup>9</sup>.*

*Mesmo que tenha herdado um emaranhado de questões teológicas, morais, pastorais e disciplinares à espera de resposta, afastou-se da via romana tradicional de dar soluções autoritárias por meio de encíclicas. Diante das tensões, das correntes opostas, das forças antagônicas, que atravessavam toda a Igreja, desde Roma até o rincão mais distante, renunciou tomar posição a partir unicamente do centro romano. A consciência da gravidade dessa situação e da humilde convicção de que precisava de ajuda de seus irmãos no episcopado para encontrar*



*caminhos o levou a convocar o Concílio.*

*Nele se deu o embate de dois mundos ideológicos, de duas visões de realidade, de duas sensibilidades. Na linguagem mais em uso hoje, estavam em jogo dois paradigmas.*

*Eles penetravam as estruturas da Igreja, o conteúdo dogmático do ensinamento do magistério, o comportamento dos hierarcas, o imaginário religioso dos fiéis, as práticas religiosas, a expressão de fé do cristão comum, o agir moral, a disciplina eclesiástica. João XXIII confiou na ação do Espírito Santo na assembléia dos bispos e não temeu esse confronto.*

*Aqui apareceu a novidade da pedagogia de João XXIII. Transferiu para o Concílio o lugar da discussão de maneira livre, ampla e com contribuições de todas as partes do mundo, em vez de concentrá-la em recintos reclusos da Cúria Romana. Em outros termos, Pio XII permitiu que novidades entrassem na Igreja. A decisão e a triagem, porém, eram dele. Acolheu, por exemplo, elementos modernos nos estudos bíblicos, na reforma litúrgica, na doutrina social. João XXIII, pelo contrário, entregou tal tarefa ao Concílio e, por isso, a entrada foi maciça e massiva.*

*Pio XII abriu algumas janelas para a modernidade, mas as que ele queria e quem ousasse abrir outras, poderia ser punido, como foi o caso da nova teologia. João XXIII modificou a pedagogia, ao permitir que toda a Igreja participasse no gesto de abrir janelas. E como foram muitas, as luzes da modernidade invadiram o recinto eclesial, dando a impressão de que, somente agora, elas iluminavam o céu eclesiástico. Em outras palavras, o João XXIII na bula *Humanae salutis* (25.12.1961) de convocação do Concílio Vaticano II insiste nessa abertura aos sinais dos tempos: .Fazendo nosso o apelo de Jesus pedindo que se seja atento aos sinais dos tempos.. . Mt 16,4 ., parece-nos perceber, no meio de tantas trevas, indícios numerosos que levam a augurar futuro à Igreja e à humanidade.: G. Ruggieri, *Foi et histoire*, in G. Alberigo - J.-P. Jossua, *La réception de Vatican II*, Paris, du Cerf, 1985, p. 132; ver também: Cl. Boff, *Sinais dos tempos. Princípios de leitura*, São Paulo, Loyola, 1979. XXIII, como foram as decisões do Sínodo romano, a insistência da Constituição apostólica *Veterum sapientia* (1962) no ensino da filosofia e teologia nas instituições eclesiásticas na língua latina, quando já se começavam a fazer as preleções em língua vernácula. E houve punições de exegetas que prosseguiram as pesquisas no espírito do movimento bíblico.*

*Depois que a preparação do Concílio se pôs em movimento, os prognósticos pareciam ainda mais escuros.*

*Para confirmar essa expectativa sombria, vieram as nomeações para as comissões preparatórias do Concílio, cujas presidências foram confiadas à Cúria romana, símbolo e real oposição às mudanças. E para a presidência da Comissão Teológica, a que se confiava uma supervisão sobre a teologia conciliar, foi designado o todo-poderoso e temido cardeal A. Ottaviani. Não deixa de ser significativo que o seu emblema cardinalício era *semper idem* . .sempre o mesmo.. Não era nenhum bom agouro para uma comissão teológica em momento de mudança.*

*Havia, porém, escassos sinais de abertura que vinham, sobretudo, de discursos e gestos proféticos de João XXIII. Apostava-se muito na originalidade e imprevisibilidade da personalidade do Papa que contornava, com sabedoria situações conflituosas e difíceis. Isso se confirmou em vários momentos.*

## **6. Relação com a cúria**



*Com o Concílio, encontraram-se, no mesmo espaço romano, duas instâncias de poder e governo da Igreja: o próprio Concílio e a Cúria romana. Experiência que não se vivia fazia quase um século. E ainda se acrescentava o fato de que o Concílio se tornara uma verdadeira assembleia mundial, e a Cúria Romana se afigurava um pigmeu diante do gigante. Entretanto, tinha ela experiência de governo, estruturas em funcionamento, poder de fogo uma vez que ocupara as comissões preparatórias do Concílio e julgava poder decidir sobre seus rumos.*

*Nesse momento, uma lúcida intervenção de João XXIII estabeleceu normas importantes sobre a relação entre o Concílio e a Cúria. No discurso de 5 de junho de 1960, insistiu em que os órgãos do Concílio eram autônomos em relação à Cúria, constituídos por ampla representatividade do episcopado mundial sob a direção do próprio Papa.*

*O Concílio tem uma estrutura e organização próprias, que não se podem confundir com a função ordinária e característica dos vários Dicasterios ou Congregações que constituem a Cúria Romana, a qual continuará a função, mesmo durante o Concílio, de acordo com o curso ordinário das suas atribuições habituais como administradora geral da Santa Igreja. Destarte, a distinção é clara: uma coisa é o governo ordinário da Igreja, do qual se ocupa a Cúria Romana, e outra o Concílio<sup>11</sup>.*

*Alea jacta est. Estava jogada cartada importante, permitindo liberdade e criatividade aos padres conciliares, isentando-os da tutela romana.*

## **7. Consulta aos bispos**

*Logo no início da preparação, pensou-se, segundo o desejo do Papa, em ouvir de toda a Igreja quais seriam as questões importantes a serem trabalhadas no*

*Concílio. A Comissão Antepreparatória tinha organizado um questionário longo e minucioso a ser enviado a todos os que tinham direito, segundo o Direito Canônico, de vir ao Concílio.*

*Esse caminho teria a vantagem de favorecer as respostas, mas condicioná-las-ia a perguntas prévias. O Papa mostrou, mais uma vez, sua confiança nos futuros padres conciliares e no desejo de ouvir realmente o que pensavam e queriam do Concílio. Pediu simplesmente que o Secretário de Estado Cardeal Tardini lhes enviasse uma carta concisa em que se dizia:*

*O augusto Pontífice, em primeiro lugar, deseja conhecer opiniões e pareceres e recolher conselhos e votos dos exmos. bispos e prelados que são chamados de direito a participar do Concílio Ecumênico (cân. 223): de fato, sua Santidade atribui a maior importância aos pareceres, conselhos e votos dos futuros padres conciliares; o*

*que será muito útil na preparação dos temas para o Concílio<sup>12</sup>.*

*Com isso, contornava-se, em parte, o monopólio da Cúria, já que os bispos e prelados eram convidados a mandar para a Comissão Pontifícia Antepreparatória, com absoluta liberdade, sinceridade e solicitude pastoral, o que desejavam que fosse discutido no Concílio.*

*Essa iniciativa modificava bastante o clima da preparação. Liberdade, sinceridade, solicitude pastoral*

ecoavam como atitudes fundamentais pedidas pelo Papa aos futuros padres conciliares. Aí aparecia já, observa G. Zizola, a enorme diferença em relação ao Vaticano I, quando somente trinta e cinco bispos foram consultados<sup>13</sup>.

11 G. Zizola, *A utopia do Papa João, São Paulo, Loyola, 1983, p. 306.*

12 Citado no artigo de J. O. Beozzo, *O Concílio Vaticano II: Etapa preparatória, in Vida Pastoral 46 (2005), n. 243, p. 5; P. Beozzo oferece dados interessantes do número das respostas a essa carta-pedido.*

13 G. Zizola, *op. cit., p. 304. Quanto ao conteúdo, as respostas não foram lá grande*

*coisa. Refletia a mente de bispos desabitutados a serem consultados, mas o fato, por si mesmo, foi simbólico e relevante.*

## **V. O Evento conciliar**

### **1. O discurso inaugural**

*No discurso de Inauguração, João XXIII traçou a orientação fundamental para o Concílio. Não partilhou a posição de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discricção e moderação. Nos tempos modernos, não vêem senão prevaricações e ruínas...Mas a Nós parece-Nos que devemos discordar desses profetas de desgraças, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo<sup>14</sup>.*

*Confessou-se esperançoso nos sinais que percebe no mundo e na Igreja.*

*João XXIII não visa, insistiu o Papa, a repetir e a proclamar o já conhecido, mas se espera do Concílio um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências, articulando fidelidade à doutrina autêntica e indagação e formulação literária do pensamento moderno.<sup>15</sup> **Trata-se de interpretar a revelação tradicional (Escritura e Tradição), dialogando com a modernidade.***

***Nisso consiste o desafio pastoral de interpretar, e não de condenar.** Buscava-se a renovação da Igreja indo ao essencial da mensagem cristã. Só assim ela cumpre a missão de sinal da salvação visível e perceptível para o mundo de hoje<sup>16</sup>.*

*Diferentemente dos concílios anteriores, o Vaticano II não pretendeu tomar posições dogmáticas definitórias nem condenatórias, mas intensificar o diálogo com o homem e a mulher de hoje, lançando ponte para o mundo contemporâneo em nítido contraste com as posições conservadoras de Gregório XVI (1831-1846) e de Pio IX que conflitavam fortemente com a modernidade<sup>17</sup>.*

14 João XXIII, *O Programático Discurso de Abertura, in B. Kloppenburg, Concílio Vaticano II. V.II: Primeira*

Sessão (set.-dez. 1962), *Petrópolis, Vozes,*

1963, p. 308.

15 *Id.*, p. 310.

16 H. J. Pottmeyer, *Vers une nouvelle phase de réception de Vatican II. Vingt ans d.herméneutique du Concile*, in G. Alberigo . J.-P. Jossua, *La réception*

de Vatican II, Paris, du Cerf, 1985, p. 56. (1846-1878),

*João XXIII marcou nitidamente a característica ecumênica, ao dizer que .infelizmente a família cristã, no seu conjunto, não chegou ainda a esta visível unidade na verdade. A Igreja Católica julga, portanto, dever seu empenhar-se ativamente, para que se realize o grande mistério daquela unidade, que Jesus Cristo pediu com oração ardente ao Pai do Céu pouco antes do seu sacrifício.18.*

*Além de ecumênico, João XXIII quis um Concílio pastoral e atualizado, usando a palavra italiana aggiornamento ou .atualização.19. O termo .pastoral. significava uma abertura ao mundo moderno de onde vinham as questões a serem respondidas e para quem se respondiam.*

*O texto conciliar deveria corresponder às aspirações, compreensões, desejos, perspectivas dos homens e mulheres situados no mundo moderno, como aparece no próêmio da Constituição pastoral Gaudium et spes.*

*Pelo termo aggiornamento, entendia-se a “idéia motora e central” do itinerário espiritual e da concepção da missão pastoral da Igreja<sup>20</sup>. Na sua primeira Encíclica Ad Petri cathedram (29 de junho de 1959), indicara como tríplice finalidade do Concílio: o incremento da fé, a renovação dos costumes e a adaptação (aggiornamento) da disciplina eclesiástica às necessidades do tempo atual. E como conseqüência se seguirá a união das comunidades cristãs separadas. João XXIII tinha bem nítida a idéia de que a Igreja devia atualizar-se, responder ao mundo moderno e caminhar na linha da paz, da unidade da humanidade.*

## **2. O grande embate ideológico e institucional**

*Uma leitura sintética descobre, no Concílio Vaticano II, alguns embates fundamentais de diferente natureza.*

*Para captar-lhe o jogo interno, apontarei alguns desses entreveros: teológico, bíblico, litúrgico, sociocultural e institucional.*

*17 Entre as sentenças condenadas do Syllabus de Pio IX consta essa afirmação: .O Pontífice Romano pode e*

*deve reconciliar-se e transigir com o progresso, com o liberalismo e com a recente civilização.: DS 2980.*

18 João XXIII, O Programático Discurso de Abertura, in: B. Kloppenburg, Concílio Vaticano II. V.II: Primeira Sessão (set.- dez. 1962), Petrópolis, Vozes, 1963, p. 311.

19 G. Ruggieri, Foi et histoire, in: G. Alberigo . J.-P. Jossua, La réception de Vatican II, Paris, du Cerf, 1985, pp. 136-141.

20 A. Barreiro, A figura carismática de João XXIII e seu programa conciliar de .aggiornamento., in Síntese Nova Fase 1 (1974), n. 2, pp. 21-40. O autor cita ampla bibliografia sobre esse tema, encomiando, de modo especial, a obra de F. M. William, Vom jungen Angelo Roncalli 1903-1907 zum Papst XXIII 1958-1963, Innsbruck, 1967.

*Confrontaram-se duas teologias básicas. De um lado, a teologia dogmatista, como descrevemos acima, na afirmação clara das verdades abstratas, universais, imutáveis e, de outro, a teologia hermenêutica que pretende interpretar para o mundo de hoje a revelação de Deus. Esse choque se deu especialmente a propósito da discussão sobre as Fontes da Revelação e, de modo especial, sobre a Escritura. Deslocou-se de uma interpretação .especular, a modo de espelho, da Escritura, da Tradição, dos dogmas, da verdade, em geral, para uma interpretação histórico existencial. O aspecto objetivo perde sua centralidade absoluta, permitindo a entrada da história, da subjetividade, da experiência, da intersubjetividade como mediações interpretativas fundamentais. A novidade do Primado absoluto da Palavra de Deus perturbou as águas serenas do uso comum da Escritura tanto na teologia como na prática dos fiéis. Ela cumpria a função de loca probantia na teologia e de afirmações éticas, moralistas e dogmáticas para os cristãos.*

*Os professores na aula, os pregadores nas homilias referiam-se muito à Escritura, mas cada citação valia por ela mesma, como uma mônada fechada, fora de contexto, do gênero ou da forma literária, da tradição, da intenção do redator e de outros elementos da exegese moderna.*

*Do movimento bíblico, vinha outra concepção da Escritura, articulando a dimensão de Revelação com as regras de interpretação textual. Além do mais, discutiu-se arduamente a questão da relação entre Escritura, Tradição e Magistério. Chegou-se a uma redação consensual, cheia de filigranas e rodeios para evitar os arrecifes dos conservadores.*

*A discussão sobre a Liturgia girou em torno de duas concepções fundamentais a respeito do mistério eucarístico. Predominava a centralização no ato cômico sacerdotal de modo que os fiéis se compreendiam como receptores dos frutos do sacrifício celebrado que valia por ele mesmo. Por isso, durante a celebração bastava uma presença de fé sem nenhuma participação ativa e mesmo sem muita compreensão do que se realizava, já que a língua latina era ininteligível. Do movimento litúrgico, vinha a valorização da assembléia litúrgica que se constitui com a presença dos fiéis e o ministro ordenado.*

*É ela o sujeito da celebração eucarística que manifesta e realiza o Mistério de Cristo e da sua Igreja. Como conseqüências práticas, impuseram-se a importância da participação pessoal, comunitária e a maior transparência dos ritos para que os fiéis percebessem mais claramente o seu significado. debate sociocultural se travou sobre dois universos: a liberdade religiosa com conseqüências para o diálogo ecumênico, inter-religioso e com os humanistas ateus e a concepção da relação Igreja e mundo moderno. Em ambos, estava presente a concepção*

*conflituosa de modernidade e pré-modernidade. Chegou-se, também, a acordos com uma predominância do pensar moderno que superou a defesa agressiva do direito absoluto e único da verdade e a consciência de que só a Igreja Católica possuía toda a verdade. O erro não teria nenhum direito e, por isso, todas as expressões de fé, que não fossem a católica, não gozariam do direito de manifestar-se publicamente, por serem falsas e erradas. Quebrar essa espinha dorsal da pré-modernidade custou muito sofrimento e discussão ao Concílio<sup>21</sup>. E, na *Gaudium et spes*, deu-se salto qualitativo na compreensão da complexidade da modernidade e ofereceram-se balizas para a ação pastoral da Igreja.*

*Ainda no debate sociocultural entraram em jogo temas, como o pluralismo religioso, o respeito à liberdade de opinião e de consciência, o direito de existência pública de qualquer religião que não atente contra o Estado. A posição conservadora fazia ecoar frases do magistério de Gregório XVI que considerava a liberdade de consciência um “deliramento”<sup>22</sup>, a liberdade de opinião, ampla e irrestrita, um erro pestilentíssimo<sup>23</sup>. O Concílio aceitava o reclamo moderno do direito constitucional inviolável à liberdade religiosa sob a perspectiva da dignidade da pessoa humana que se autodetermina na fé de maneira livre e não pode ser coagida de fora. Tal direito compete ao indivíduo e à comunidade nos diversos campos da pesquisa, da associação, da comunicação, das finanças, do testemunho público, do culto, dos costumes, desde que não conflitem com a paz comum<sup>24</sup>.*

*Na mesma linha de idéias, os temas do ecumenismo, do diálogo inter-religioso e, com os humanistas ateus, reafirmavam a existência da verdade fora dos redutos da Igreja católica, a historicidade de toda expressão religiosa, a pluralidade cultural e religiosa como expressão de riqueza, e não de desvio ou erro.*

*21 B. Häring, Minha participação no Concílio Vaticano II, in REB 54 (1994), p. 394.*

*22 Gregório XVI, Mirari vos arbitramur (1832) ensina: .da pestífera fonte do indiferentismo flui a absurda e errônea afirmação, antes um delírio, que a*

*liberdade de consciência deve ser afirmada e reivindicada por toda pessoa.: DS 2730.*

*23 Ib., DS 2731.*

*24 J. T. Burtchaell, Religious freedom (Dignitatis humanae), in A. Hastings, ed., Modern Catholicism. Vatican II and After, London/New York,*

*SPCK/Oxford University Press, 1991, p. 118-125.*

*Não menos árdua foi a polêmica institucional.*

*Encontravam-se, na mesma assembléia, padres conciliares que se originavam da Cúria Romana, outros vindos da pastoral diocesana e gerais religiosos. Uns encarnavam mais a instituição central, outros refletiam a problemática local, que, por sua vez, respingava modernidade ou pré-modernidade. E havia os que vinham de ambientes fora do mundo ocidental.*

*Traduzindo em termos institucionais, o debate refletia a diversidade de interesses entre os da burocracia central e os dos fiéis situados em contextos humanos diferentes.*

*Eram duas sensibilidades que tiveram que trabalhar consensos com renúncia de pontos de vista em favor do bem maior da Igreja.*

### **3. Opções fundamentais do Concílio**

*O Concílio é mais que seus documentos. Ele é uma “intencionalidade”. Esta é, antes de tudo, uma intuição, uma percepção global, uma evidência co-natural, um espírito. Funciona como coluna vertebral dos textos.*

*Oferece a chave hermenêutica mais importante. Contudo, está em tensão com o texto. De um lado, ela manifesta-se nos textos, emerge deles, justifica-se e explicita-se neles. De outro, não se esgota neles nem consegue moldá-los todos à sua imagem e semelhança, já que os escritores não são um Deus criador. Por isso, encontram-se textos que a negam e justificam uma outra posição hermenêutica. Nesse caso, trava-se a batalha sobre a intencionalidade fundamental.. É exatamente isso que estamos vivendo no momento atual.*

*A intencionalidade, que se impusera na hermenêutica da maioria, nos anos imediatos ao pós-concílio, vem sendo considerada, atualmente, por largos setores eclesiais, como uma falsa leitura do Concílio. E voltando aos textos, encontram outra intencionalidade. E apresentam-na como a autêntica leitura conciliar.*

*Propomos, como a intencionalidade fundamental do Concílio, o diálogo com a Reforma e com a modernidade, num espírito ecumênico e de atualização. Justificamos até o momento tal intencionalidade, quer pelos movimentos preparatórios, quer pela atuação de João XXIII na orientação que deu ao Concílio.*

*Caberia fazer uma leitura honesta e pertinente dos textos conciliares na ótica da intencionalidade fundamental para ver se ela se justifica. No entanto, no âmbito*

*de uma palestra não cabe tal pesquisa. Não se consegue descavar-lhe a riqueza infindável da mina.*

*Existe consenso no fato de que o tema central do Concílio Vaticano II foi a Igreja. Com certa facilidade, consegue-se organizar todas as suas constituições, seus decretos, suas declarações em torno do eixo central da Igreja, quer na sua dimensão interna (ad intra), quer na sua relação com realidades externas (ad extra).*

*Ao olhar ad intra, em relação a si mesma, a Igreja se pensa na sua auto-realidade (Constituição dogmática *Lumen gentium*), na clarificação de sua mensagem (Constituição dogmática *Dei Verbum*), na sua relação cúltica (Constituição *Sacrosanctum concilium*), nos seus ministérios episcopal e presbiteral (*Decretos Christus Dominus, Presbyterorum ordinis*), na vida e formação de seus membros religiosos (*Decreto Perfectae caritatis*), seminaristas (*Decreto Optatam totius*), leigos (*Decreto Apostolicam actuositatem*) e na crucial questão da Educação (*Declaração Gravissimum educationis*).*



*Olhando ad extra, para fora de si, a Igreja (latina) se relaciona com as denominações cristãs (Decreto Unitatis redintegratio), com as igrejas orientais católicas e ortodoxas (Decreto Orientalium ecclesiarum), com a sua vocação missionária (Decreto Ad gentes), com as religiões não-cristãs (Declaração Nostra aetate), com o direito à liberdade religiosa (Declaração Dignitatis humanae), com os meios de comunicação (Inter mirifica) e com o mundo de hoje (Constituição pastoral Gaudium et spes).*

*Ao iniciar a 2ª Sessão, Paulo VI marcou claramente o sentido eclesiológico do Concílio, ao indicar-lhe quatro pontos: .A consciência da Igreja, sua renovação, o restabelecimento da unidade de todos os cristãos, o diálogo da Igreja com os homens de hoje.. Além disso, o Papa insistiu:*

*“É coisa fora de dúvida que é um desejo, uma necessidade, um dever, para a Igreja, o dar finalmente de si mesma uma definição mais profunda”. .Por isso, o tema principal desta Segunda Sessão do Concílio será a Igreja. Sua natureza íntima será estudada a fundo, para sobre ela dar, nos limites permitidos à linguagem humana, uma definição que possa instruir-nos melhor sobre a sua constituição real e fundamental, e que nos faça descobrir melhor os múltiplos aspectos da sua missão salvadora”<sup>25</sup>.*

*25 Paulo VI, O Discurso de Abertura da II Sessão, in B. Kloppenburg, Concílio Vaticano II. V.III: Segunda Sessão (set.-dez. 1963), Petrópolis, Vozes, 1964, p. 512-513.*

#### **4. A natureza da opção eclesiológica**

*A leitura apurada dos textos, sobretudo da Lumen Gentium, revela duas eclesiologias fundamentais em tensão, que correspondem praticamente ao duplo paradigma da pré-modernidade e modernidade<sup>26</sup>. E a intencionalidade do Concílio foi privilegiar o novo paradigma da modernidade, aceitando, pela via do compromisso, elementos do paradigma anterior.*

*A opção eclesiológica fundamental do Vaticano II expressa-se na colegialidade em todos os níveis, na precedência do povo de Deus em relação à hierarquia que existe em função dele, na Igreja universal como comunhão de igrejas particulares, na relevância da Igreja particular que realiza a totalidade da Igreja em comunhão com as outras igrejas e com Roma, no papel do leigo, na dimensão sacramental salvífica, na condição da Igreja de discípula da Palavra a serviço do Reino de Deus. Esta é a eclesiologia nova, original do Concílio.*

*No texto, também se encontra uma eclesiologia residual, que valoriza, sobremaneira, o Primado, a hierarquia clerical, as dimensões jurídicas, a estrutura dos ministérios.*

*A opção principal e hegemônica impinge, na trajetória da eclesiologia, várias inversões que vão definir, mais claramente, o sentido da novidade do Concílio <sup>27</sup>.*

*Essas inversões expressam-se na mudança de concepção de Igreja.*



*O modelo igreja-sociedade perfeita, cujos contornos visíveis e jurídicos se deixavam identificar, eclipsa-se diante da visão de uma igreja-mistério que vem da Trindade, é-lhe ícone e orienta-se para ela. Recupera-se este aspecto de mistério, superando a visão objetivista pré-moderna, como revalorizando as fontes teológicas pelas pesquisas históricas.*

*Abandona-se uma visão essencialista da Igreja em prol de uma compreensão sacramental histórico-salvífica.*

*Também aqui se deixa para trás a pergunta escolástica pelas notas essenciais em direção à valorização do sinal, da história.*

*26 A. Acerbi, Due ecclesie: ecclesiologia giuridica ed ecclesiologia di comunione nella .Lumen Gentium., Bologna, 1975; H. J. Pottmeyer, Kirche auf dem Weg: 20 Jahre nach dem II. Vat. Konzil, in Universitas 37 (1982), p. 1251-1264; A. Antón, Ecclesiologia postconciliare: speranze, risultati e prospettive, in: R. Latourelle, org., Vaticano II. Bilancio e prospettive. 25 anni dopo: 1962-1987, Assisi, Cittadella, 1987, I, p. 363ss.*

*27 Trato mais detalhadamente dessas tendências em: A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Chaves teológicas de leitura, in: Perspectiva Teológica 27 (1995), p. 309-320.*

*O Concílio deslocou o enfoque de uma Igreja pensada a partir da hierarquia nos seus três centros: Papa, bispo e sacerdote-pároco e centrada nela para entendê-la como povo de Deus, a cujo serviço se põe a hierarquia.*

*O tom aristocrático monárquico é substituído pela sensibilidade democrática da modernidade. Ele abriu o horizonte teológico do projeto salvífico de Deus, confinado aos limites visíveis da Igreja, até as margens infindas do Reino de Deus. Substituiu a preocupação tipicamente pré-moderna de definir os elementos externos pela do mistério da presença de Deus para além deles. Rompeu a centralização romana para valorizar as riquezas, a co-responsabilidade, a contribuição colegial, a diversidade cultural, a comunhão das igrejas particulares. As dimensões de participação, de diálogo, de superação dos poderes absolutos, próprias da modernidade, aparecem nessa nova tendência eclesial.*

*Fez-se a passagem da consciência de uma Igreja ocidental, romana, etnocêntrica, identificada com a universalidade, para uma real Igreja universal, pluricultural, pluriétnica nas expressões de fé, na teologia, na liturgia, na disciplina, nas estruturas organizativas. A globalização da modernidade, iniciada com as grandes viagens dos séculos XV e XVI e manifestada no Concílio mais mundial da História da Igreja com 2.540 padres conciliares de todas as raças, de todas as cores, atingiu a consciência européia ocidental de modo contundente, permitindo essa nova consciência universal.*

*Enfim, estabeleceu-se a paz moderna, reconciliando-se a Igreja com os principais valores e reclamos da modernidade mediante uma visão positiva do mundo, das realidades terrestres. Aqui a modernidade gritou bem alto sua visão de progresso, de confiança na razão humana, de compromisso com as realidades seculares.*

*Todas essas inversões eclesiológicas, portanto, refletem a influência e a presença no interior da Igreja do paradigma da modernidade. E confirmam, assim, a opção fundamental do Concílio.*

**À guisa de conclusão: A crise pós-conciliar**

*O fiel comum pode perguntar-se surpreso: Se é verdade que o Concílio Vaticano II fez a passagem da Igreja pré-moderna para a modernidade, por que tantos sinais de retrocesso? Por que se fala de restauração<sup>28</sup>, de neoconservadorismo<sup>29</sup>?*

*Não abordarei esta questão já tratada em outro lugar (30 J. B. Libanio, **A volta à grande disciplina**, São Paulo, Loyola, 1984). em seu sentido mais amplo. Sob a ótica da relação do Concílio Vaticano II com a modernidade, a razão se encontra na tensão latente que atravessou toda a preparação, desenrolar e textos conciliares. Concílio de consenso e compromissos, entre uma maioria que se construiu lentamente em defesa da abertura à modernidade e que estruturou, praticamente, os documentos e de uma minoria cada vez mais resistente que marcou, o máximo que pôde, o texto com pegadas pré-modernas.*

*Paulo VI optara para que os textos conciliares só fossem aprovados com larga maioria. Não queria, de modo nenhum, dar a entender que havia facções antagônicas e que os documentos significavam a vitória de uma sobre a outra. Deviam manifestar para a Igreja e para o mundo que nasciam de uma comunhão de corações e mentes. Essa opção está na base dos compromissos lingüísticos e permitiu que, depois do Concílio, houvesse interpretações diferenciadas, apoiadas na literalidade do texto.*

*Houve duas ondas interpretativas. A primeira, que se levantou logo depois do Concílio, sensível e desejosa de mudanças, leu os textos sob o prisma da novidade, da ruptura, como fizemos preferencialmente nesta conferência.*

*Ela produziu uma efervescência no interior da Igreja com resultados renovadores maravilhosos, mas também com desvios e até desvarios. Graças a ela, a Igreja Católica fez uma entrada na modernidade e assumiu uma face próxima do homem e mulher de hoje.*

*28 O próprio Card. Ratzinger defronta-se com o termo restauração.: “Se por “restauração” se compreende voltar atrás, então nenhuma restauração é possível! A Igreja vai para a frente em direção ao cumprimento da História, olha adiante para o Senhor que vem. Mas se por “restauração” compreendemos a busca de um novo equilíbrio, após os exageros de uma abertura indiscriminada ao mundo, depois das interpretações por demais positivas de um mundo agnóstico e ateu; pois bem, uma .restauração. compreendida neste sentido é inteiramente desejável e já está em curso na Igreja”.: J. Ratzinger . V. Messori, **A fé em crise? O Card. Ratzinger se interroga**, São Paulo, EPU, 1985.*

*29 J. I. González Faus, **El meollo de la involución eclesial**, in **Razón y Fe** 220 (1989), nn. 1089/90, p. 67-84; **O neoconservadorismo. Um fenômeno social e religioso**, in **Concilium** n. 161 . 1981/1; F. Cartaxo Rolim, **Neoconservadorismo eclesiástico e uma estratégia política**, in **REB** 49(1989), p.259-81; J. Comblin, **O ressurgimento do tradicionalismo na teologia latino-americana**, in **REB** 50 (1990), p. 44-73; J. Comblin, **Teologia da Libertação. Teologia neoconservadora e teologia liberal**, Petrópolis, Vozes, 1985.*

*Mas por causa de mudanças conjunturais na Igreja, de certos reflexos no contexto sociopolítico, uma outra onda se ergueu, recuperando do texto conciliar os resíduos tradicionais pré-modernos. E empenhou-se em reverter a dinâmica inovadora, ao aproveitar as brechas deixadas pelo Concílio. Assim, os princípios fundamentais da igualdade de todos os cristãos pelo batismo, a necessidade de participação colegial em todos os níveis, a valorização das experiências, a liberdade de expressão na Igreja, os ideais democráticos e outros pontos inovadores do Concílio foram detidos no seu fluxo. Eles não tinham conseguido consubstanciar-se em estruturas e em estatutos jurídicos, tornando-se frágeis e susceptíveis de retrocesso.*

*Destarte, permanece para a atual Igreja a tarefa de prosseguir o movimento, iniciado no Concílio, de diálogo aberto e crítico com a modernidade, transformando um espírito em história, uma intencionalidade em práxis, desejos e opções na verdade dos fatos. Aí joga o futuro do Concílio. Em termos teológicos, o Concílio é um fato passado.*

*A sua recepção decide sobre sua validade e força histórica.*

*Em outros termos, o Concílio como evento terminou.*

*Como espírito prossegue.*

*O Vaticano II é sobretudo um Concílio que se distingue muito mais pelo novo espírito, que pelas novas explicitações da doutrina cristã. Não faltam, é certo, novas explicações (por exemplo, sobre a Igreja, o episcopado, o presbiterato, a tradição, a liberdade religiosa, etc.), mas o especificamente novo e importante do XXI Concílio Ecumênico está na sua atitude pastoral, ecumênica e missionária perante o mundo de hoje<sup>31</sup>.*

*Em outras palavras, seu espírito novo, sua intencionalidade fundamental é dialogar e abrir-se à modernidade.*

*E atinar e assumir esse espírito continua o desafio para a atual Igreja!*

### **Referências bibliográficas**

ACERBI, A. *Due ecclesieologie: ecclesiologia giuridica ed ecclesiologia di comunione nella .Lumen Gentium..* Bologna, 1975.

BARREIRO, A. *A figura carismática de João XXIII e seu programa conciliar de .aggiornamento..* Síntese Nova Fase 1, n. 2, p. 21-40, 1974.

BEOZZO, J. O. *O Concílio Vaticano II: Etapa preparatória.* Vida Pastoral 46, n. 243, p. 5, 2005.

**35**

### **INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS**

31 B. Kloppenburg, *A Eclesiologia do Vaticano II*, Petrópolis, Vozes, 1971, p. 16.

## **CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA**

*BOMBONATTO, I. (org.). Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas.*

*São Paulo: Paulinas, 2004.*

*BOFF, Cl. Sinais dos tempos. Princípios de leitura. São Paulo: Loyola, 1979.*

*BURTCHAELL, J. T. Religious freedom (Dignitatis humanae). In:*

*HASTINGS, A. (ed.). Modern Catholicism. Vatican II and After. London; New York: SPCK; Oxford University Press, 1991.*

*CARTAXO ROLIM, F. Neoconservadorismo eclesiástico e uma estratégia política. REB, n. 49, p. 259-81, 1989.*

*COMBLIN, J. O ressurgimento do tradicionalismo na teologia latino- americana. REB, n. 50, p. 44-73, 1990.*

\_\_\_\_\_. *Teologia da Libertação. Teologia neoconservadora e teologia liberal. Petrópolis: Vozes, 1985.*

*DELUMEAU, J. Le catholicisme entre Luther et Voltaire. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.*

*GONZÁLEZ FAUS, J. I. El meollo de la involución eclesial. Razón y Fe*

*220, n. 1089;90, p. 67-84, 1989.*

\_\_\_\_\_. *O neoconservadorismo. Um fenômeno social e religioso.*

*Concilium, n. 161, 1981/1.*

*GUSDORF, G. A agonia da nossa civilização, São Paulo: Convívio, 1978.*

*João XXIII. O Programático Discurso de Abertura. In:*

*KLOPPENBURG, B. Concílio Vaticano II. Primeira Sessão, set.-dez. 1962. Petrópolis: Vozes, 1963. v. II.*

*KLOPPENBURG, B. A Eclesiologia do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1971.*

*LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Chaves teológicas de leitura. Perspectiva Teológica n. 27, p. 309-20, 1995.*

\_\_\_\_\_. *A volta à grande disciplina. São Paulo: Loyola, 1984.*

*MARTIN, J. Mes six papes. Paris: Mame, 1993.*

Paulo VI. *O Discurso de Abertura da II Sessão. In: KLOPPENBURG, B. Concílio Vaticano II. Segunda Sessão, set.- dez. 1963. Petrópolis: Vozes, 1964. v. III.*

POTTMEYER, H. J. *Vers une nouvelle phase de réception de Vatican II. Vingt ans d.herméneutique du Concile. In: ALBERIGO, G.; JOSSUA,*

*J.-P. La réception de Vatican II. Paris: Cerf, 1985.*

RATZINGER J.;MESSORI V. *A fé em crise? São Paulo: EPU, 1985.*

RUGGIERI, G. *Foi et histoire. In: ALBERIGO, G.; JOSSUA, J.-P. La réception de Vatican II. Paris: Cerf, 1985.*

ZIZOLA. G. *A utopia do Papa João. São Paulo: Loyola, 1983.*

## **CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA**

### **Cadernos Teologia Pública: temas publicados**

Nº 1 . *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI . Johan Konings, SJ*

Nº 2 . *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista . Maria Clara Bingemer*

Nº 3 . *A Teologia e a Origem da Universidade . Martin N. Dreher*

Nº 4 . *No Quarentenário da Lumen Gentium . Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.*

Nº 5 . *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner . Érico João Hammes*

Nº 6 . *Teologia e Diálogo Inter-Religioso . Cleusa Maria Andreatta*

Nº 7 . *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica . José Roque Junges, SJ*

Nº 8 . *Teologia e literatura: profetismo secular em .Vidas Secas., de Graciliano Ramos . Carlos Ribeiro Caldas Filho*

Nº 9 . *Diálogo inter-religioso: Dos .cristãos anônimos. às teologias das religiões . Rudolf Eduard von Sinner*

Nº 10 . *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso . Michael Amaladoss, SJ*

Nº 11 . *A teologia em situação de pós-modernidade . Geraldo Luiz De Mori, SJ*

*Nº 12 . Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema . Pedro Gilberto Gomes, SJ*

*Nº 13 . Teologia e Ciências Sociais . Orivaldo Pimentel Lopes Júnior*

*Nº 14 . Teologia e Bioética . Santiago Roldán García*

*Nº 15 . Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos . David Eduardo Lara Corredor*

**João Batista Libânio** (1932), jesuíta, é natural de Belo Horizonte/MG. É professor de Teologia no Instituto Santo Inácio (ISI/CES) e membro do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo e em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), obteve licença em Teologia em Frankfurt, na Alemanha e o título de doutor na Pontifícia Università Gregoriana (PUG), Roma, com a tese *Críticas aos Estudos Eclesiásticos filosófico- teológicos e propostas de renovação na literatura recente*.